

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**  
**CURSO DE ADMINISTRAÇÃO HABILITAÇÃO COMÉRCIO EXTERIOR**

**DIONATAM DAMIANI RODRIGUES**

**A COOPERJA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO**  
**NO MUNICÍPIO DE JACINTO MACHADO-SC**

**CRICIÚMA, SC**  
**2013**

**DIONATAM DAMIANI RODRIGUES**

**A COOPERJA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO  
NO MUNICÍPIO DE JACINTO MACHADO-SC**

Monografia: A COOPERJA como Fator de Desenvolvimento Social e Econômico do Município de Jacinto Machado-SC apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Administração, no curso de Administração linha de formação específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam

**Criciúma, SC**

**2013**

**DIONATAM DAMIANI RODRIGUES**

**A COOPERJA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO  
NO MUNICÍPIO DE JACINTO MACHADO-SC**

Monografia: A COOPERJA como Fator de Desenvolvimento Social e Econômico do Município de Jacinto Machado-SC apresentada para obtenção do grau de Bacharel em Administração, no curso de Administração linha de formação específica em Comércio Exterior, da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Criciúma, 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dimas de Oliveira Estevam - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. - (UNESC)

Prof. - (UNESC)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família pela ajuda e apoio na conclusão de mais essa etapa. Aos meus amigos pelo incentivo e camaradagem. A Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado – COOPERJA e a Prefeitura Municipal de Jacinto Machado, pelo fornecimento de dados e informações, que foram de fundamental importância para execução desse trabalho. Aos associados da COOPERJA que foram entrevistados, pela disponibilização de seu tempo e atenção, para a realização das entrevistas. E ao meu Orientador Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam pelo auxílio para realização desse trabalho.

“Acredito em um modelo de economia justa, onde o elemento central é o bem-estar coletivo”.

(Marta Raldes)

## RESUMO

Uma cooperativa é como uma empresa em que todos são funcionários e donos ao mesmo tempo. Onde todos trabalham e contribuem juntos, em busca de um fim em comum. O cooperativismo pode ser definido como um modelo socioeconômico fundamentado na reunião de pessoas e não no capital, visando às necessidades do grupo e não do lucro, buscando a prosperidade conjunta e não individual. Resumise, então, que cooperativismo é um meio no qual, pessoas se unem para atingirem objetivos específicos, por meio de um acordo para cooperação entre os mesmos. Com isso analisou-se a influência da COOPERJA no desenvolvimento social e econômico do Município de Jacinto Machado, por meio de pesquisa bibliográfica para entendimento do tema e pesquisa de campo, sendo ela descritiva, para demonstrar o papel da COOPERJA no desenvolvimento social e econômico de Jacinto Machado/SC. A criação da cooperativa e a mudança do sistema de plantio de arroz sequeiro para arroz irrigado foi um dos fatores que ajudaram a promover o desenvolvimento na região de Jacinto Machado. Este estudo teve como objeto de estudo a COOPERJA que desde a sua criação muito vem contribuindo para o desenvolvimento social e econômico de Jacinto Machado. Espera-se que esta pesquisa contribua com fonte para novos estudos.

**Palavras-chave:** Cooperativismo, COOPERJA, Jacinto Machado, rizicultura,

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Símbolo do Cooperativismo.....	8
Figura 2 Bandeira do Cooperativismo.....	9
Figura 3 Estrutura de Representação do Cooperativismo.....	21
Figura 4 Mapa AMES.....	35
Figura 5 Centro de Jacinto Machado1933.....	37
Figura 6 Rua de Jacinto Machado1933.....	38
Figura 7 Turismo Rural-Propriedade Lídio Mendes em Jacinto Machado.....	41
Figura 8 Plantação de arroz em Jacinto Machado.....	43
Figura 9 Símbolo da COOPERJA.....	47
Figura 10 Engenheiro Agrônomo Joaquim Pedro Coelho.....	48
Figura11 Assembleia geral de fundação da COOPERJA.....	49
Figura 12 Primeiro pavilhão da COOPERJA.....	49
Figura 13 Vendaval que atingiu a sede da COOPERJA em 1979.....	51
Figura 14 COOPERJA inicio anos 90.....	53
Figura15 Arroz Branco.....	57
Figura16 Arroz Parboilizado.....	57
Figura 17 Sementes de arroz.....	57
Figura 18 Maracujá in natura.....	57
Figura 19 Arroz cateto naturizi.....	58
Figura 20 Arroz naturizi orgânico.....	58
Figura 21 Farinha de arroz.....	58
Figura 22 Macarrão de arroz.....	58
Figura23 COOPERJA matriz.....	59
Figura 24 Filial Santo Antonio da Patrulha- RS.....	59

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 Comparativo cooperativa e microempresa.....	17
Tabela 2 Evolução do número de cooperativas de produção e taxas de crescimento, Brasil, 1940-1977.....	28
Tabela 3 Associados de cooperativas agropecuárias, Brasil, 1975, 1983 e 1987 por Regiões.....	29
Tabela 4 Aspectos gerais e históricos do município de Jacinto Machado.....	36
Tabela 5 Produto interno bruto de Jacinto Machado 2002-2009.....	40
Tabela 6 Distribuição de funcionários por setor.....	55
Tabela 7 Faturamento por setor 2012.....	61
Tabela 8 Faturamento anual da COOPERJA 2008-2012.....	61
Tabela 9 Exportações e vendas mercado interno.....	62
Tabela 10 Estrutura agrária e número de associados.....	64

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição cooperativas no mundo.....	26
Gráfico 2 Distribuição de cooperativas por estados brasileiros.....	30
Gráfico 3 Evolução do número de cooperados em SC de 2003 à 2012.....	31
Gráfico 4 Distribuição de cooperativas por ramo de atividade em SC.....	32
Gráfico 5 Recebimento de arroz pela COOPERJA últimos 10 anos.....	55
Gráfico 6 Vendas de arroz 2010, 2011 e 2012.....	57

## SUMÁRIO

### 1

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>Erro</b>
! Indicador não definido.	<b>2</b>
<b>1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA.....</b>	<b>13</b>
<b>1.2 OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
1.2.1 Objetivo geral.....	14
1.2.2 Objetivo específico.....	14
<b>1.3 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 O COOPERATIVISMO.....</b>	<b>15</b>
2.1.1 O Cooperativismo no mundo.....	18
2.1.2 O Cooperativismo no Brasil.....	21
2.1.3 O Cooperativismo em Santa Catarina.....	22
<b>2.2 OS SIMBOLOS DO COOPERATIVISMO .....</b>	<b>32</b>
<b>2.3 OS PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO.....</b>	<b>35</b>
<b>2.4 TIPO DE COOPERATIVA.....</b>	<b>39</b>
<b>2.5 DIREITOS E DEVERES DO ASSOCIADO.....</b>	<b>35</b>
<b>2.6 SOCIEDADE COOPERATIVA X SOCIEDADE MERCANTIL.....</b>	<b>36</b>
<b>2.7 ESTRUTURA DE REPRESENTAÇÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 DEFINIÇÃO DA ÁREA OU POPULAÇÃO – ALVO.....</b>	<b>44</b>
<b>3.2 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS</b>	
<b>METODOLÓGICOS.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.4</b>
<b>4 JACINTO</b>	
<b>MACHADO.....</b>	<b>Erro! Indicador</b>
não definido.	<b>6</b>
<b>4.1</b>	
<b>HISTÓRIA.....</b>	<b>Erro!</b>
Indicador não definido.	<b>7</b>
<b>4.2 ECONOMIA.....</b>	<b>50</b>
4.2.1 Turismo Rural.....	52
4.2.2 Rizicultura.....	53.
<b>5 COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DE JACINTO MACHADO –</b>	

**COOPERJA.....Erro! Indicador não definido.7**

<b>5.1 HISTÓRICO.....</b>	<b>58</b>
<b>5.2 SERVIÇOS.....</b>	<b>67</b>
<b>5.3 PRODUTOS.....</b>	<b>67</b>
<b>5.4 ESTRUTURA FÍSICA.....</b>	<b>67</b>
5.4.1 Indústrias.....	69
5.4.2 UBS- Unidade de Beneficiamento de Sementes.....	71
5.4.3 Supermercados.....	71
5.4.4 Lojas agropecuárias.....	71
5.4.5 Posto de combustível.....	72
<b>5.5 EXPORTAÇÃO.....</b>	<b>72</b>
<b>5.6 AÇÕES SOCIAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>5.7 PRÊMIOS E DESTAQUES.....</b>	<b>74</b>
<b>5.8 O ASSOCIADO.....</b>	<b>75</b>
<b>5.9 METAS PARA 2013.....</b>	<b>75</b>
<b>6 DEPOIMENTO DOS ASSOCIADOS.....</b>	<b>78</b>
<b>6.1 MEMÓRIA DOS EX-PRESIDENTES.....</b>	<b>78</b>
<b>6.2 DEPOIMENTOS SÓCIOS FUNDADORES.....</b>	<b>81</b>
<b>6.3 DEPOIMENTOS DOS ASSOCIADOS ATUAIS.....</b>	<b>85</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>101</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As tendências econômicas atuais estão associadas ao processo de globalização e impõem uma nova forma ao processo produtivo, seja no campo ou na cidade. Surgido a pouco mais de um século, o cooperativismo vem sendo de forma empreendedora, uma alternativa para o desenvolvimento socioeconômico de pequenos municípios.

A sociedade cooperativista é como uma empresa em que todos são funcionários e donos ao mesmo tempo. Onde todos trabalham e contribuem juntos, em busca de um fim em comum. O cooperativismo pode ser definido como um modelo socioeconômico fundamentado na reunião de pessoas e não no capital, visando às necessidades do grupo e não do lucro, buscando a prosperidade conjunta e não individual. Resume-se, então, que cooperativismo é um meio no qual, pessoas se unem para atingirem objetivos específicos, por meio de um acordo para cooperação entre os mesmos.

A economia agropecuária brasileira sempre enfrentou e ainda enfrenta muitas dificuldades e problemas, que vão desde a produção até a comercialização de seus produtos. Baseando-se, neste cenário, pode-se afirmar que a união de pequenos agricultores, apresenta muitas vantagens.

A partir da necessidade de superar as dificuldades os agricultores passaram a reunir-se em cooperativas para resolverem seus problemas de produção, armazenagem e comercialização. Segundo Abrantes (2004, p.88), “a cooperativa é de todos, ou seja, tem muitos donos. Não apenas um ou poucos. Todas as decisões são tomadas por estas pessoas e têm que ser discutidas, questionadas e monitoradas”.

A prática do cooperativismo vem estimular o desenvolvimento econômico e social. Contribui para a sobrevivência do associado, aumentando sua renda e elevando sua capacidade de competir no mercado globalizado. Segundo Canton, (2010, p.14) “O cooperativismo é a maior forma de união. Começa com um pequeno grupo de pessoas e se transforma em força mundial”. Os seres humanos unem-se para atender a determinadas necessidades de forma conjunta e organizada, produzindo resultados que são distribuídos entre os que cooperam.

Na década de 1960 um grupo de agricultores do município de Jacinto Machado, sentiu a necessidade de criar uma associação de agricultores com o

intuito de enfrentar os problemas de armazenamento e comercialização de arroz, assim como a aquisição de insumos e comercialização dos produtos agrícolas da região. Para isso criaram a Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado - COOPERJA, que nasceu em 30 de agosto de 1969, com a associação de 117 produtores que perceberam a necessidade de se unirem. Com a mudança de técnicas de plantio e aumento de áreas cultiváveis de produção de arroz, houve necessidade da ampliação do espaço físico para armazenamento dos grãos. A oportunidade de armazenar e comercializar suas safras, juntamente com a facilidade de aquisição de insumos promoveu a associação de novos membros à COOPERJA.

A princípio o armazenamento era de 42 mil sacos de arroz, sem beneficiamento, que só veio a acontecer a partir da década de 1970. O grande salto se deu em 1983, com o lançamento de uma marca própria de arroz, que já era beneficiado, industrializado e distribuído. Nesse mesmo período houve o aumento do número de associados, passando de 117, para mais de 200 cooperados, gerando a necessidade do aumento da capacidade de recebimento e armazenagem para 120.000 sacas de arroz/ano.

No início dos anos de 1990 a COOPERJA começou a fornecer sementes para o plantio de arroz para seus cooperados, passando a obter uma contribuição econômica expressiva para a população do município e região. Nesse mesmo período ampliou sua área de atuação para o Sul de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul. Em virtude da importância que a COOPERJA representa para o município de Jacinto Machado, bem como para a Região do Extremo Sul Catarinense, busca-se, neste estudo, analisar o desenvolvimento social e econômico do município de Jacinto Machado, posterior a criação da Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado – COOPERJA.

## 1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

No contexto do cenário econômico atual, um importante meio de sobrevivência ou de crescimento no ramo dos negócios, principalmente para os micros e pequenos empresários rurais é cooperar para competir. Essa ideia, a princípio parece um contra senso, mas esse estudo sobre o cooperativismo analisará especificamente a COOPERJA como fator de desenvolvimento de Jacinto Machado, investigando alguns subsídios que norteiam essa afirmação. Diante disso

**“Qual a influência da COOPERJA como fator de desenvolvimento social e econômico no município de Jacinto Machado?”.**

## **1.2. Objetivo geral**

Analisar e demonstrar a influência da COOPERJA no desenvolvimento econômico do Município de Jacinto Machado

### **1.2.1 Objetivos específicos**

- Descrever a economia de Jacinto Machado antes da criação da COOPERJA;
- Verificar a relação do desenvolvimento da rizicultura no município e a COOPERJA;
- Apresentar os fatores que motivaram a criação da COOPERJA;
- Expor os benefícios da criação da COOPERJA como fator de mudança na vida dos agricultores associados;

## **1.3 JUSTIFICATIVA**

Sendo a COOPERJA um facilitador que disponibiliza não apenas meios físicos e técnicos para seus associados, mas também desenvolve ações em conjunto com a comunidade. Entre essas ações estão, palestras, programas voltados para a juventude como o Cooperjovem, encontro das mulheres cooperativistas, cursos de aperfeiçoamento para seus associados com objetivo de melhorar a propriedade rural e a qualidade de vida dessas pessoas. Em virtude da expressiva importância que a COOPERJA representa para economia do extremo sul catarinense, esse trabalho propôs um estudo a respeito dessa cooperativa, como fator de desenvolvimento social e econômico do município de Jacinto Machado. Tendo esse município como base a agricultura se dará uma ênfase na participação da Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado (COOPERJA), que representa a mola propulsora do desenvolvimento econômico e social, achou-se relevante esta pesquisa. Trabalhar essa temática é mais que investigar e registrar dados, é procurar através de fatos e registros provar que a união faz a força e a diferença, e juntas podem transformar a história econômica e social de qualquer sociedade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa pesquisa se implica a analisar a influência da Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado – COOPERJA, como fator de desenvolvimento social e econômico do município de Jacinto Machado/SC. Para esse objetivo é de vital importância executar uma revisão bibliográfica sobre o tema, procurando compreender a origem, história e dados do município em questão, juntamente com os conceitos, informações e forma de organização de uma cooperativa.

### 2.1 O COOPERATIVISMO

Desde a antiguidade até os dias de hoje, o homem organizou-se socialmente constituindo famílias, unindo-se em grupos e criando aldeias, não apenas para garantir a continuidade da espécie, mas também para facilitar a sobrevivência. Segundo a OCB, (2004, p.52). “o cooperativismo existe no mundo desde que o homem adotou o regime tribal para garantir a sua sobrevivência, passando a valer-se do trabalho em conjunto para a coleta de frutos, a caça e a pesca.”

Entre os homens, a ajuda mútua vem desde a Antiguidade, quando se viviam em comunidades naturais de forma coletiva. No grupo, o indivíduo encontra proteção e possibilidades materiais de vida. Basta pensar nos incas nos astecas ou nos nossos índios; esses últimos, apesar de toda influência e massacres físico e cultural, ainda mantêm tribos nativas vivendo de forma de natural mente solidária (ABRANTES, 2004, p.36).

A palavra cooperar provém etimologicamente da palavra latina “Cooperari”, formada por “cum” (com) e “operari” (trabalhar). A ideia de cooperativismo sempre se manifestou nas sociedades passadas. Segundo Silva Filho (2001, p. 45) “é na Idade Média que vamos encontrar os antecedentes mais remotos do cooperativismo representados pelas sociedades de agricultores”.

Se for analisar a história das sociedades passadas, pode-se observar que todas as grandes mudanças ocorreram pela mobilização e união das pessoas em prol de um único interesse. Cooperar faz parte da natureza humana, onde o homem, quase que instintivamente busca a sua sobrevivência no meio o qual se encontra inserido. Segundo a OCB (2004, p. 15) “Os Incas pré-colombianos, missões jesuítas, o primeiro grupo humano que percebeu que dois indivíduos juntos têm mais chances

de sobrevivência que separados”. O filósofo grego Aristóteles, 300 anos antes de Cristo, já tinha concluído que o homem é um ser social.

(...) podemos então afirmar que o homem é um ser gregário, por natureza e índole, e que, através dos tempos, sempre demonstrou sua vontade inequívoca de viver em grupo, ou em sociedade, e que a solidariedade e a ajuda – mútua, fundamentos basilares de todo o Sistema Cooperativista, sempre estiveram presentes na medida em que o homem teve necessidade de se unir, se organizar, e se tornar mais forte para poder enfrentar e vencer todas as suas dificuldades e os seus inimigos comuns. (CRUZ, 2000, p. 9)

O ser humano evoluiu e conquistou seu espaço definido por uma nova forma de pensar as suas relações sociais e econômicas. No cotidiano das relações humanas percebe-se o quanto o homem pode ser competitivo e individualista. Diariamente observa-se um acentuado egoísmo e a busca de soluções individuais para os problemas e conflitos, em prol de benefícios pessoais.

O que importa entender é que a desigualdade não é natural e a competição generalizada tampouco o é. Elas resultam da forma como se organizam as atividades econômicas e que se denomina modo de produção. O capitalismo é um modo de produção cujos princípios são direito de propriedade individual. A aplicação destes princípios divide a sociedade em duas classes básicas: a classe que (por não dispor de capital) ganha a vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe. O resultado natural é a competição e a desigualdade. (SINGER, 2002, p. 10)

Isso certamente é o resultado da sociedade em que vivemos e das relações sociais que marcam o modo de produção capitalista. Segundo Singer (2002, p.8) “o capitalismo produz desigualdade crescente, verdadeira polarização entre ganhadores e perdedores”.

A angústia diante da exclusão e a luta pela sobrevivência levam as pessoas a disputar desesperadamente o acesso a recursos e bens, criando a concepção de que os outros não são aliados e sim adversários, concorrentes ou inimigos. Para Temp, (2004, p. 09), “o cooperativismo é uma das fórmulas mais felizes criadas para promover a comunhão de valores e a convergência dos interesses coletivos”.

Os seres humanos unem-se para atender a determinadas necessidades de forma conjunta e organizada, produzindo resultados que são distribuídos entre os que cooperam. Esta cooperação inicia na família, onde são fundamentais para a sobrevivência as relações entre seus integrantes, na função de suprir as necessidades básicas dentro e fora do lar e na obediência aos preceitos por eles

estabelecidos. Desta maneira, todos alcançarão uma convivência agradável, podendo comunicar-se com segurança, usufruindo de direitos e cumprindo deveres. De acordo com Abrantes (2004, p. 35) “o primeiro termo de cooperativismo vem da palavra cooperação, que significa (operar de forma conjunta ou unida), ou ainda (ajuda mútua ou mutualismo)”.

Cooperativismo origina-se da palavra cooperação. É uma doutrina cultural e socioeconômica, fundamentada na liberdade humana e nos princípios cooperativos. Portanto, o conceito de cooperativismo pode ser designado como uma doutrina, um sistema, um movimento ou simplesmente uma atitude ou disposição que considera as cooperativas como uma forma ideal de organização das atividades socioeconômicas da humanidade. (GAWLAK, 2001, p. 21)

No cooperativismo as pessoas se unem de forma voluntária e se organizam para resolverem problemas comuns de seu cotidiano. São comuns exemplos de cooperação que proporcionam o crescimento econômico de diversos setores e sociedades.

O Cooperado deve entender que fez uma opção por atuar no processo cooperativo. E não deve utilizar a cooperativa apenas como trampolim ou meio de ganhar nas épocas em que as empresas privadas ou concorrentes não lhe deem os mesmos benefícios da cooperativa. (PERIUS, 2001, p. 46)

Em épocas de crise, o cooperativismo ganha força. Por ser baseado no esforço coletivo, no qual todos os associados das cooperativas tomam decisões, celebradas na soberania das assembleias, o sistema permite uma união verdadeira, pois a economia social está presente na essência e na origem de todas as cooperativas. Cooperar é palavra chave para crescer, assim crescendo pode-se competir. Neste contexto o competir é ter condições de se manter vivo no mercado do agronegócio brasileiro e mundial.

Salienta-se que o sócio fiel à cooperativa deve ter todos os benefícios e o que não seguir essa regra deve ter um tratamento adequado, com sanções e benefícios reduzidos, exatamente para que se possam igualar os sócios e para que todos sejam excelentes cooperados no processo cooperativista. (PERIUS, 2001, p. 46)

Dentro do cooperativismo todos devem contribuir para a sobrevivência dos negócios, fortalecendo as cooperativas para que as mesmas tenham a capacidade de competir em um mercado globalizado. O Cooperativismo é um instrumento de participação democrática que prima pela união entre homens e

mulheres empreendedores, que superam obstáculos e constroem soluções como iguais. Segundo Rech (2000 p. 7) “é importante reafirmar as vantagens das relações humanas, os benefícios da inter ajuda, a fé numa sociedade em que todos sejam pessoas com os mesmos direitos e as mesmas possibilidades.”

O movimento cooperativo não é um fim em si. Seu objetivo não é sobreviver, mas viver para proporcionar uma vida melhor. Os pioneiros revolucionaram as relações econômicas e sócias de sua época, ao introduzirem procedimentos e organizações que visam implantar a equidade e a solidariedade nas relações econômicas e de trabalho, tão aviltadas pelo capitalismo industrial de então. As cooperativas foram inovadoras e criativas durante muitas décadas, colocando-se na fronteira da inovação econômica e social. (SCHNEIDER 1991 p. 65)

### 2.1.1. O COOPERATIVISMO NO MUNDO

Com o passar da história o homem criou a chamada cooperativa, onde um determinado grupo de pessoas se unia para resolver problemas de ordem coletiva. Desde a criação da primeira cooperativa, a economia mundial passou por diversos processos de transformação e o cooperativismo começou a adequar-se em seus princípios de acordo com a realidade de seu tempo.

A mais antiga cooperativa, documentada, parece ter sido iniciada em 1760 por trabalhadores, empregados nos estaleiros de Woolwich e Chartham, na Inglaterra. Eles fundaram moinhos de cereais em base cooperativa para não terem de pagar os altos preços cobrados pelos moleiros que dispunham de um monopólio local. (VEIGA, FONSECA, 2001, p. 19)

Com o advento da Primeira Revolução Industrial, já havia movimentos de trabalhadores que se uniam por meio de associações de ajuda mútua (sindicatos) para lutarem contra a opressão burguesa e exploração capitalista.

No final do século XVIII, na Inglaterra, já existiam as *Trade Unions*, ou sindicatos, com muita força e resistindo às mazelas do capitalismo. Como resposta à atuação destes sindicatos, o governo inglês promulgou os *Combination Acts*, em 1799, objetivando coibir e mesmo proibir a atuação sindical. Muitos sindicatos foram fechados e vários sindicalistas presos. O movimento sindical inglês foi coibido pelo governo até 1824, quando a revogação dos *Combination Acts* por pressão dos trabalhadores, permitiu a sua reorganização. O sindicalismo que então surgiu passou a ser influenciado pelas idéias de Robert Owen. (ABRANTES, 2004, p.37)

A partir desse fato onde os movimentos sindicais eram coibidos, formou-se entre os trabalhadores, um sentimento de igualdade, solidariedade e união, pois

era impossível lutar sozinho por mudanças. Surgem aqui as premissas para o cooperativismo e seus precursores.

O primeiro cujos nomes mais representativos são o próprio Robert Owen (Inglaterra: 1771-1858), e mais, Charles Fourier (França: 1772-1837) e Ferdinand Lasalle (Alemanha:1825-1864) viam na cooperativa um instrumento de luta para a superação do capitalismo, em busca de sistema socialista, ou seja: as cooperativas se constituiriam numa etapa ou passo em direção à implementação do socialismo. (RECH, 2000 p. 10)

Em um período mais recente da história da humanidade impulso para a consolidação do cooperativismo é atribuída ao inglês Robert Owen, que no século XVIII dedicou a sua vida e investiu seus bens para criar uma nova forma de substituir a competição e a ganância pela cooperação. De acordo com, Abrantes, (2004, p.40) “Robert Owen (1771-1858), brilhante socialista pré-marxista, é apontado como um dos mais importantes ideólogos da filosofia cooperativista, sendo considerado o pai do cooperativismo inglês”. Mesmo sendo um bem sucedido empresário de sua época, Owen promoveu diversas mudanças em suas empresas. Segundo Cruz (2000 p.25), “Owen reduziu a jornada de trabalho de seus operários, aumentou os salários, proibiu o trabalho de crianças menores de 10 anos, construiu escolas gratuitas para os filhos de seus empregados e introduziu práticas previdenciárias aos idosos”.

Seguindo os conceitos de Robert Owen, surge em Manchester na Inglaterra em meio a condições adversas como desemprego e repressão governamental uma forma de associação como meio de driblar as dificuldades.

Em novembro de 1843 pressionados pelo desemprego e sob a influência das ideias de Robert Owen, 28 tecelões (27 homens e uma mulher) do subúrbio de Rochdale, com o apoio de George Jacob Holyoake, reuniram-se e decidiram economizar uma libra cada um, durante um ano, para formar uma associação de consumo. A sociedade foi registrada oficialmente em 24 de outubro de 1844 com o nome de Friendly Society, e o armazém abriu as portas pouco mais de um mês depois tendo apenas uma pequena quantidade de farinha, manteiga, aveia e açúcar. Somente em 1852 assumiria oficialmente o nome Rochdale Society of Equitable Pioneers Limited. (ABRANTES, 2004, p. 42)

Esses 28 trabalhadores perceberam que só organizados poderiam melhorar as suas condições de vida. Também sabiam que suas ideias deviam estar em consonância com suas atitudes. Por isso se dispuseram a juntos estabelecerem metas e normas para a organização de uma cooperativa.

Adotaram uma série de princípios, que seriam depois imortalizados como os princípios universais do cooperativismo: 1º) que nas decisões a serem tomadas cada membro teria direito a um voto. Independentemente de quanto investiu na cooperativa; 2º) o número de membros da cooperativa era aberto, sendo em princípio aceito quem desejasse aderir. Por isso este princípio é conhecido como o da “porta aberta”; 3º) sobre capital emprestado a cooperativa pagaria uma taxa de juros fixa; 4º) as sobras seriam divididas entre os membros em proporção às compras de cada um na cooperativa; 5º) as vendas feitas pela cooperativa seriam sempre feitas à vista; 6º) os produtos vendidos pela cooperativa seriam sempre puros, isto é, não adulterados; 7º) a cooperativa se empenharia na educação cooperativa; 8º) a cooperativa manter-se-ia sempre neutra em questões religiosas e políticas. (SINGER, 2002, p.39)

No leste europeu, os ideais cooperativistas tiveram uma adesão expressiva principalmente pela classe rural russa após a queda dos Czares. Naquela época o pensamento socialista era muito forte entre os líderes, que propunham um novo meio de implantar uma experiência socialista.

O Papel das cooperativas, mesmo que tenham exercido uma importante atividade na organização dos camponeses, sempre foi interpretado como instrumento complementar aos planos de coletivização governamental e não como iniciativa autônoma dos trabalhadores. Por isso é que as cooperativas dos países socialistas foram construídas, de modo geral, para serem utilizadas em suprir deficiências nas economias fundadas em planejamento centralizado, sob a tutela do estado. (RECH, 2000, p. 12)

A ideia do cooperativismo não se disseminou somente no continente europeu. Na Ásia, o país que mais se destacou foi a China, que possuía um sistema em que os meios de produção e os bens de consumo eram comuns. Segundo Rech (2000, p. 13), “na China, mais do que as cooperativas de produção, as que estiveram presentes em toda parte foram as cooperativas de crédito rural que chegaram a mais de 45 mil, com pelo menos 200 milhões de membros”. Já em Israel a cooperação entre grupos familiares, onde foi levada a um nível comunitário que expressa profundamente o termo de sociedade coletiva.

Israel, mesmo sendo um país essencialmente capitalista, também implementou uma forma típica de cooperativa socialista, com os seus *kibutz* (espécie de cooperativa comunitária de produção agrícola) ou os *moshav* (comunidade de agricultores na qual cada um dirige sua granja, sendo o cooperativismo praticado nas operações de compra e venda), ou os *moshav shituf* (com uma só empresa agrícola explorada em comum por todos os habitantes de uma determinada região e cujas rendas são distribuídas entre famílias segundo suas respectivas necessidades). A propriedade da terra é do Estado e a cooperativa é pensada como se fosse uma *aldeia*, com sua vida própria e suas relações consolidadas. (RECH, 2000, p.14)

Gráfico 01 Distribuição Cooperativas No Mundo em 2013



Fonte: OCESOC, 2013

### 2.1.2 O COOPERATIVISMO NO BRASIL

No contexto brasileiro o cooperativismo tem se expandido e se integrado aos múltiplos setores da economia nacional, principalmente na agricultura. No Brasil, o cooperativismo não possui uma data precisa em relação ao seu início. Existem registros datados que em 1610 com a constituição das primeiras reduções jesuíticas. Segundo Abrantes (2004, p. 45) “com a chegada dos jesuítas, deu-se início à ideia de uma forma associativa de produção agrícola, já comum entre os índios brasileiros”. As tribos indígenas sempre vivenciaram o coletivo onde tudo era comum a todos, onde a prática do “mutirão” era vivenciada por seus antepassados. Segundo Hartung (2008, p.21) “esse modelo de sociedade solidária entre missionários, indígenas e colonizadores visava, em primeiro lugar, ao bem-estar do indivíduo e de sua família, acima dos interesses econômicos da produção”.

Antes e durante o período colonial e especialmente durante o período do império, houve no Brasil várias experiências associativas entre africanos foragidos que nos “quilombos” formavam colônias economicamente autossuficientes e nas “confrarias de negros” assumiam muitas funções semelhantes às das corporações da Idade Média, de caráter social e beneficente, (...) A tradição de cooperação informal e ocasional indígena, particularmente Guarani, chamada “potirão” e hoje “mutirão”, sobreviveu até a época recente, ou seja, até quando o processo de modernização capitalista se introduz no campo. Por ser uma cooperação informal entre os

que somente através da cooperação podem resolver alguns problemas ou realizar algumas atividades, ela se situa ao nível dos valores e atitudes tradicionais, partilhados por outras culturas como as dos imigrantes europeus, sobretudo na Região Sul do país. (SCHNEIDER 1991, p. 241)

Na virada do século XX, o cooperativismo recebeu grande impulso no sul do país, pelas mãos do padre jesuíta suíço Theodor Amstad. Foi assim que surgiu a primeira cooperativa de crédito rural no Brasil, em 1902, no município de Nova Petrópolis (RS), cujo fundador foi Pe. Amstad. É a cooperativa mais antiga ainda hoje em funcionamento. (OCB, 2004, p. 15).

O movimento cooperativo, propriamente dito, começou a ser conhecido no Brasil a partir do final do século XIX, com a chegada dos imigrantes italianos e alemães. Segundo Heinzlamann, (2009, p. 67) “surgiram cooperativas inspiradas em modelos trazidos por imigrantes, sobretudo cooperativas de créditos agrícolas entre colonos italianos e alemães na região sul do Brasil e mais tarde de agricultores japoneses em São Paulo”.

No cooperativismo brasileiro, desde 1932, quando se promulga a primeira lei cooperativista, o Estado marca sua presença, não apenas para proporcionar o necessário amparo legal, a ajuda técnica e financeira, mas também para ingerir-se em aspectos essenciais do seu funcionamento e até da sua filosofia, ao dar o reconhecimento legal e decisivo para o surgimento das cooperativas, ao exercer a função fiscalizadora e interventora nas cooperativas, ao ingerir-se na indicação de seus membros para a direção naquelas cooperativas que dependiam de consideráveis auxílios financeiros oficiais e ao ser a instância decisiva na interpretação e aplicação da lei cooperativista, durante todo o período que exerceu uma presença hegemônica no Conselho Nacional de Cooperativismo. (SCHNEIDER 1991, p. 391)

Oriundos de países diferentes, os imigrantes trouxeram uma rica bagagem cultural, além das experiências de viverem e trabalharem em forma comunitária o trabalho associativo que os instigou a se organizarem em cooperativas. Muitas levas de imigrantes disseminaram-se em todo território brasileiro, especialmente no sul. Segundo Hartung (2008, p. 21) “Os imigrantes tentaram resolver seus problemas de consumo, de crédito e de produção criando organizações comunitárias em moldes das que conheceram em suas pátrias de origem”. Houve assim uma propagação de ideias cooperativas por todo o Brasil.

Foram os imigrantes italianos e alemães que chegaram no Brasil no século passado, quem introduziram a idéia da criação de cooperativas. Houve algumas iniciativas no norte e no centro do país, mas as de maior expressão ocorreram em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Em 1902, no Rio Grande do Sul, colonos de origem alemã, instalados nos contrafortes da Serra (região em que se situa a cidade de Caxias do Sul) fundaram a Caixa Rural União Popular, uma cooperativa de crédito destinada à solução dos

problemas de recursos que aqueles agricultores enfrentavam. [...] Nas décadas de 40, 50 e 60, foram constituídas inúmeras Cooperativas agrícolas, de consumo, de crédito e eletrificação rural, mas segundo as autoridades da época, a grande maioria das quase 500 sociedades existentes em 1964, teve de ser liquidada por falta de objetivos e respeito aos princípios cooperativistas. (OCB, 1991, p. 6-9).

O segmento cooperativo teve necessidade de ser regulamentado na forma de lei, devido a sua crescente expansão. Segundo Perius (2001, p. 301) “a Lei Nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, passou a definir a Política Nacional de Cooperativismo, instituindo o regime jurídico das sociedades cooperativistas e dando outras providências.” Esta Lei passou a especificar regras para a criação de cooperativas, nas quais auto-gestão que previa a não interferência do Governo nas cooperativas.

No movimento cooperativo, o governo através do INCRA e de outros órgãos oficiais de apoio e com a participação de cooperativas de primeiro e de segundo grau, realizou uma prática de planejamento participativo ao patrocinar os Programas Integrados de Desenvolvimento Cooperativo – PIDCOOPs. Esses programas, implantados na década de 1970 e especialmente na Região Sul e Sudeste, visavam uniformizar e coordenar os diversos serviços dispersos e às vezes paralelos ou até contraditórios entre si, em prol das cooperativas. (SCHNEIDER, 1991, p. 348)

Tabela 01 – Evolução do número de cooperativas de produção e taxas de crescimento, Brasil, 1940-1977.

Anos	Quantidade	Taxa de Crescimento
1940	465	-
1951	1.408	303%
1960	1.808	28%
1966	2.377	31%
1971	1.737	-27%
1975	1.543	-21%
1977	1.252	-18%

Fonte: INCRA- Divisão de Cooperativismo, Brasília, DF. (1981)

No final dos anos de 1960 houve muitas mudanças em relação à

implantação do cooperativismo no Brasil. Segundo Loureiro (1981, p.13), “tanto por parte de organismos internacionais quanto a nível nacional, passou-se a estimular e apoiar preferencialmente a organização de cooperativas agrícolas arrefecendo-se o entusiasmo pela integração produção-consumo”.

A partir de 1971, mesmo da promulgação da lei que institui o regime jurídico das sociedades cooperativistas, houve uma diminuição na taxa de crescimento das cooperativas no Brasil. Porém, a diminuição no número de cooperativas é inversamente proporcional ao número de produtores associados. Entre 1973 e 1975, houve um crescimento de 21% no número de produtores associados a cooperativas, passando de 627.884 para 794.911 associados. O quadro a seguir mostre a evolução no número de associados no Brasil, em 1975, 1983 e 1987, dividido em regiões.

Tabela 2 Associados de cooperativas agropecuárias, Brasil, 1975, 1983 e 1987 por regiões.

<b>Regiões/ANO</b>	<b>1975</b>	<b>1983</b>	<b>1987</b>
<b>Sul</b>	402.594	553.616	582.711
<b>Sudeste</b>	232.983	335.102	413.373
<b>Nordeste</b>	133.222	233.506	232.705
<b>C. Oeste</b>	22.973	45.498	49.894
<b>Norte</b>	3.139	11.311	9.328
<b>Brasil</b>	794.911	1.179.033	1.288.011

Fonte: Ministério da Agricultura - SUPLAN. Pesquisa socioeconômica das cooperativas de produção agrícola brasileira. (1987)

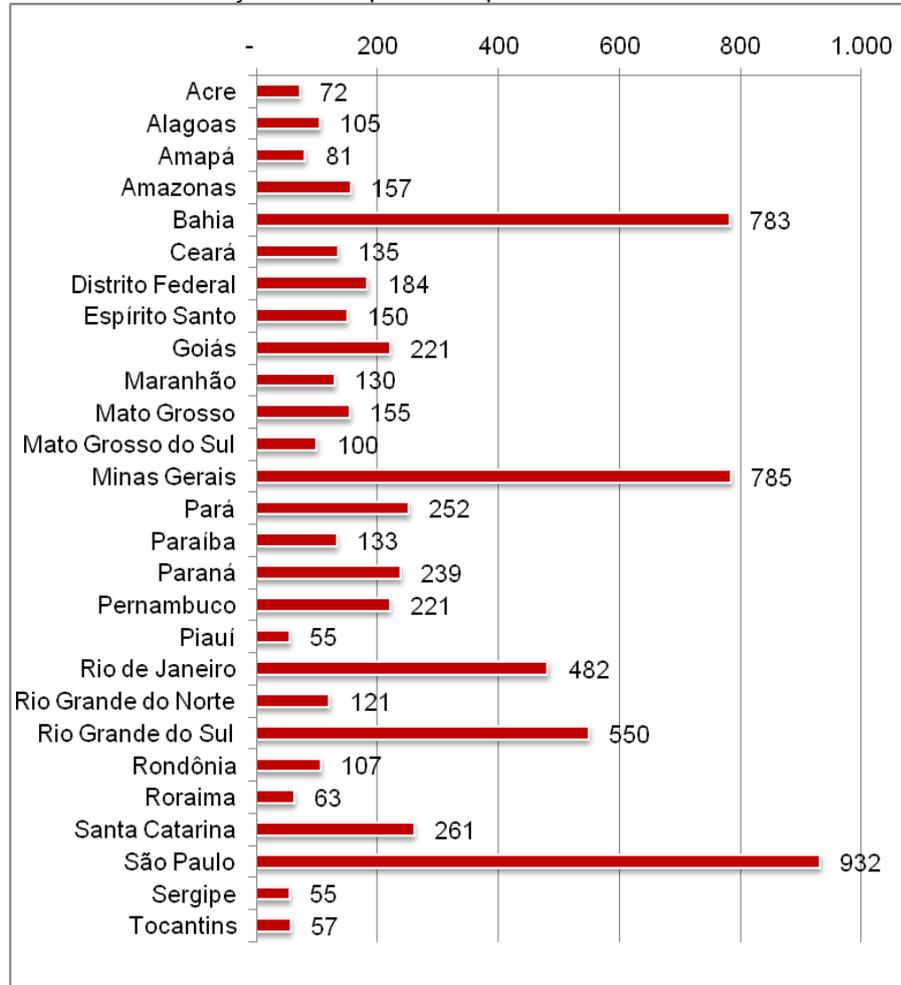
Nesse período deu-se início a uma renovação no sistema cooperativo brasileiro, priorizando a qualidade das cooperativas sobre a sua quantidade. Integrando cooperativas agrícolas isoladas e estimulando a fusão de cooperativas de menor porte com atividades afins.

Desse modo, as cooperativas detinham do necessário para galgar os caminhos da prosperidade, todavia a condição econômica nacional se encontrava em forte crise. A taxa de juros aliadas a estagnação do mercado causou a queda de inúmeras cooperativas.

Durante todo o século passado, houve muitas mudanças no tocante ao cooperativismo no Brasil. Deve-se destacar aqui que as dificuldades

políticas e econômicas, causa da recessão da década de 1980, tiveram grande influência sobre o cooperativismo brasileiro, o que ocasionou um encerramento burocrático nessa área. As cooperativas agrícolas e de consumo foram fortemente descapitalizadas e ficaram quase sem condições de enfrentar a espoliação inflacionária. (PINHO 2004 *in* HEINZELMANN, 2009, p.67).

Gráfico 02 Distribuição de Cooperativas por estados brasileiros.



Fonte: OCESC, 2013

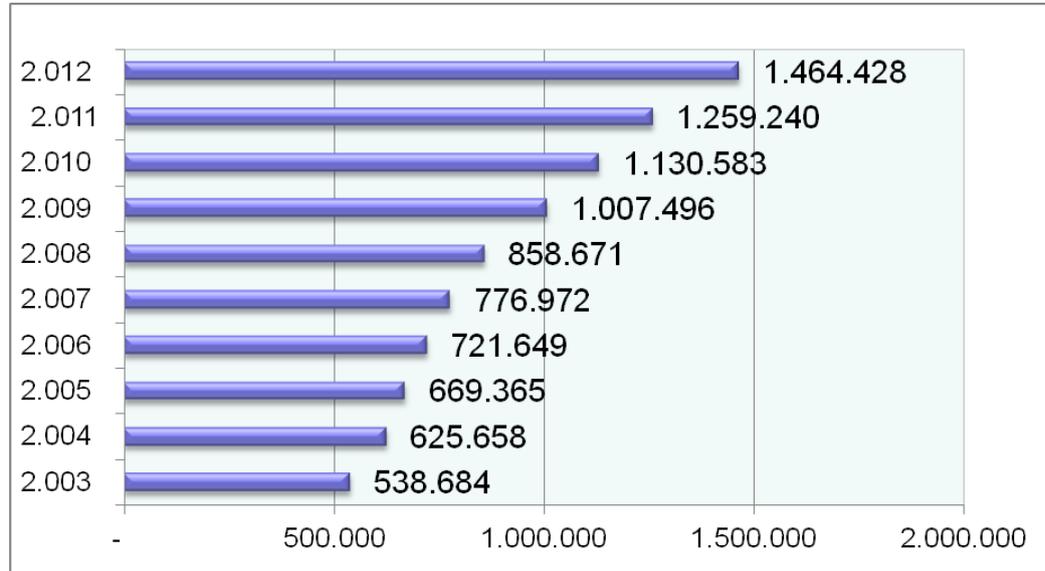
### 2.1.3 COOPERATIVISMO EM SANTA CATARINA

O cooperativismo catarinense vive um momento de evolução crescimento não só econômico, mas sim de reorganização. Mesmo com o competitivo mercado, as cooperativas estão se desenvolvendo e promovendo a inserção do modelo de sucesso em diferentes áreas.

Em 1904, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, foi constituída uma cooperativa agrícola mista no município de Ascurra e, em 1909 era criada no sul do Estado, na localidade de Rio Maior, em Urussanga, a Cooperprima, que por ter alcançado êxito no desenvolvimento de seus objetivos, ocasionando inclusive o surgimento de diversas similares na

região, mereceu a denominação de pioneira do cooperativismo catarinense. [...] No Meio Oeste, no município de Concórdia, foi criada uma cooperativa de produção e consumo em 1925, uma caixa rural cooperativa em 1926. Essas iniciativas incentivaram o surgimento de outras sociedades desse tipo na região do Alto Uruguai Catarinense. (OCB, 1991, p. 7).

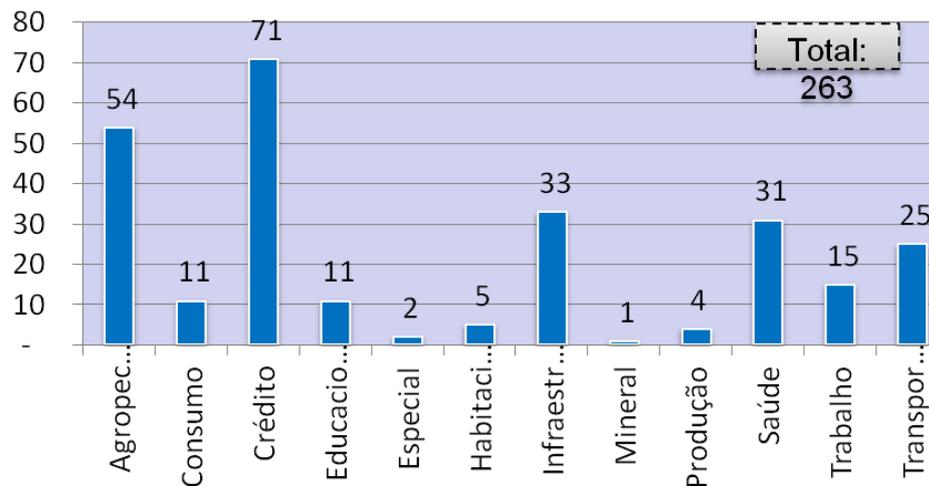
Gráfico 03 Evolução do número de cooperados em Santa Catarina 2003-2012.



Fonte: OCESC, 2013

Em 1889, em Rio dos Cedros, então distrito do município de Blumenau, na região do Vale do Itajaí, foi constituído pelos colonos oriundos de Trento e Matarello, na Itália, a “Societá Cooperativa Del Tabaco”, que inicialmente dedicou-se à produção e exportação de fumo para diversos países da Europa e incentivou outras culturas, obtendo relativo sucesso em suas operações. [...] Em Santa Catarina, o movimento recomeçou pela região Oeste com a criação de uma sociedade cooperativa de agricultores em Cunha Porã, no ano de 1931, seguindo-se a constituição da Caixa Rural Popular de Porto Novo, hoje Cooperativo de Crédito Rural de Itapiranga Ltda., em 1932 e pela fundação da Sociedade Cooperativa de Palmitos Ltda., atualmente Cooperativa Regional A1, em 1933. A experiência de Cunha Porã não foi bem sucedida e extingui-se logo depois, mas as de Itapiranga e Palmitos foram vitoriosas e, embora enfrentando períodos de dificuldades, continuam com suas atividades até hoje.(OCB, 1991, p.7-9).

Gráfico 04 Distribuição de Cooperativas por ramo de atividade em SC.



Fonte: OCESC, 2013

Buscando a organização do sistema, um grupo de cooperativas remanescentes criou a ASCOOP – Associação das Cooperativas de Santa Catarina, em 1964, que passou para OCESC – Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina, em 1971, existiu uma normalidade, permitindo que as similares que foram surgindo a partir de então, passassem a atuar dentro dos padrões exigidos pela legislação. (OCB, 1991, p. 10).

Durante o período do Império, houve, na região de imigração européia não lusa, várias experiências de associação econômica, algumas inspiradas no modelo de “falanstérios” de Charles Fourier nos anos 40 e 80 do século XIX, outras já inspiradas em modelos cooperativos, como nas freqüentes recomendações em favor da organização cooperativa do Padre José Maria Jacobs, que atuava especialmente junto à imigração alemã de Blumenau, no Estado de Santa Catarina. (SCHNEIDER, 1991, p. 241)

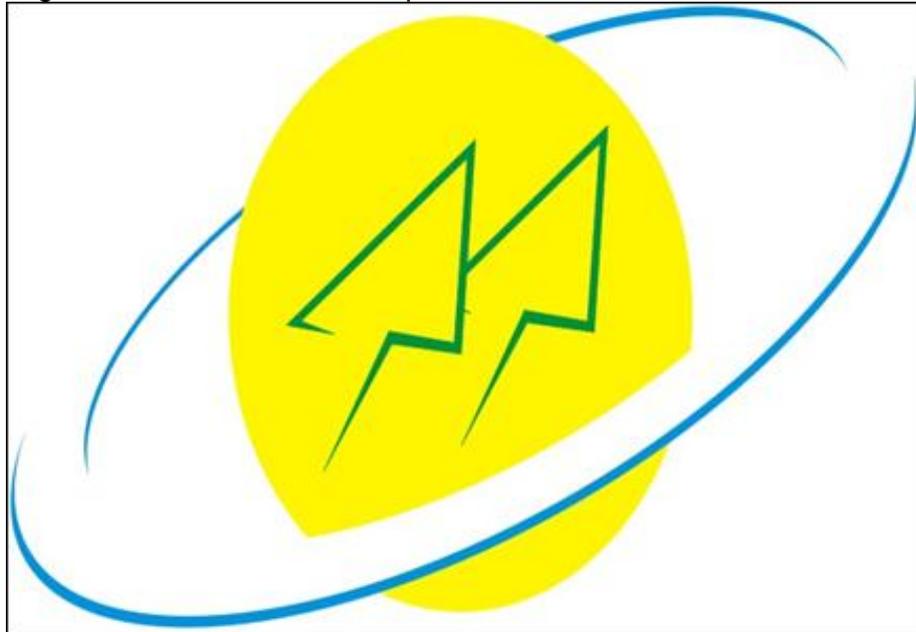
Na Região Sul do Brasil, com uma forte imigração européia recente, de inícios do século XIX em diante, foram os descendentes desta imigração que fundaram a maioria das cooperativas, e, portando, bastante coerentes com os valores e a cultura de seus povos de origem, embora situados em contexto geográfico e econômico distinto. (...) O cooperativismo teve momentos de apogeu logo seguidos de crise e declínio. A única região que desde o início manifestou várias experiências exitosas em matéria de cooperativismo, foi a região de colonização ítalo – germânica no Sul do Brasil, devido às experiências culturais e econômicas trazidas da Europa e aqui logo implantadas de forma comunitárias, devido também à maior capacidade de organização e articulação autônoma dos colonos, iniciativas que coincidem nos inícios do presente século com a própria origem do cooperativismo naquelas regiões. (SCHNEIDER, 1991, p.345-346)

## 2.2 Os Símbolos do Cooperativismo

O Cooperativismo possui um símbolo próprio que representa sua filosofia, segundo Gawlak, (2004 p.27), “assim nasceu o emblema do cooperativismo: um círculo que representa a eternidade da vida, o pinheiro representa imortalidade,

perseverança e fecundidade, o verde escuro representa o princípio vital da natureza, o amarelo representa o sol e os dois pinheiros representam a necessidade de união e cooperação”.

Figura 01 - Símbolo do Cooperativismo



Fonte: GAWLAK, 2001

A Bandeira do Cooperativismo é branca, possui o logotipo da ACI no centro, de onde surgem pombos que simbolizam a paz. Para Gawlak, (2001, p. 28), “a bandeira do cooperativismo foi criada pela Aliança Cooperativa Internacional - ACI em 1923”, para simbolizar como segue:

- Vermelho: coragem;
- Alaranjado: visão do Futuro;
- Amarelo: desafio no Lar, família e Comunidade;
- Verde: crescimento como pessoa e como Cooperado;
- Azul: horizonte, necessidade de ajudar os menos afortunados;
- Anil: ajudar a si próprio e aos outros através da cooperação;
- Violeta: beleza, Calor Humano e Coleguismo;

Figura 02 Bandeira do Cooperativismo



Fonte: GAWLAK, 2001

### 2.3 Os Princípios do Cooperativismo

A Aliança Cooperativa Internacional (ACI) aconselha o exercício dos “princípios cooperativos, que são normas pelas quais as cooperativas colocam seus valores em prática.” (MACPHERSON, 2003, p. 13). Esses princípios cooperativistas seguem a base dos princípios de Rochdale de 1844.

Os pioneiros de Rochdale, ao fundarem sua cooperativa de consumo em 1844, decidiram compilar um conjunto de princípios, buscando em múltiplos precursores do cooperativismo, para servirem de base para o seu funcionamento. Podemos nos valer deles para entender o funcionamento da cooperativa, mas também precisamos manter uma postura crítica sobre seus limites e implicações. Tradicionalmente, costuma-se dizer que foram seis os princípios originalmente compilados. Outros dois foram acrescentados posteriormente. (RECH, 2000, p.23.)

Seguindo a ideia dos precursores de Rochdale, o cooperativismo fundamenta-se em seus princípios, como o *livre acesso e adesão voluntária*, que trata da abertura das cooperativas em relação à associação de novos membros de forma igualitária.

As cooperativas se baseiam nos valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Seguindo a tradição de seus fundadores, seus membros acreditam nos valores éticos da honestidade, transparência social e preocupação pelos demais integrantes. As cooperativas são organizações voluntárias abertas para todas aquelas pessoas dispostas a utilizar os seus serviços e dispostas a aceitar as

responsabilidades inerentes à sua condição de associado, sem discriminação de gênero, raça, classe social, posição política ou religiosa. (RECH, 2000, p.23.)

Uma grande diferença entre o cooperativismo e as empresas privadas se trata na maneira como as decisões são tomadas. Nas cooperativas as disposições para *controle, organização e gestão democrática* são definidas por seus membros através de assembleia, onde cada associado possui um voto, independentemente da sua posição ou número de quotas. Sendo que nas sociedades privadas a participação das decisões é proporcional ao capital investido.

As cooperativas são organizações democráticas controladas pelos seus membros, os quais participam ativamente da definição de suas políticas e na tomada de decisões. Os homens e mulheres, eleitos para representar a sua cooperativa, respondem por suas responsabilidades, frente aos associados. Nas cooperativas de base os associados têm igual direito de voto (um associado, um voto), sendo que as cooperativas de outros níveis também devem se organizar com procedimentos democráticos. (RECH, 2000, p.25.)

O retorno de investimento, tanto em empresas privadas quanto em cooperativas é algo esperado por seus investidores. Entretanto para o cooperativismo não existe lucro e sim sobras, pois o objetivo principal de uma cooperativa é de suprir as necessidades mutuas de seus associados, através da *participação econômica dos seus associados*. Um exemplo disso são as cooperativas de consumo. Seus membros se unem para adquirirem produtos e/ou insumos com preço menor, o excedente dessa transação pode ser reinvestido na cooperativa ou distribuído entre seus sócios, proporcionalmente ao seu número de quotas.

Os associados contribuem de maneira equitativa e controlam de maneira democrática o capital da cooperativa. Pelo menos uma parte desse capital é propriedade comum da cooperativa. Usualmente, recebem uma compensação limitada, se for possível, sobre o capital subscrito como condição de fazer parte da cooperativa. Os contribuem com a cooperativa, distribuindo as sobras existentes prioritariamente da seguinte maneira: no desenvolvimento da cooperativa através da criação de reservas; beneficiando os associados em proporção às suas transações com a cooperativa e no apoio a outras atividades da cooperativa, segundo decisão da assembleia dos associados. (RECH, 2000, p.25.)

As assembleias das cooperativas são responsáveis por decidirem de maneira autônoma a gestão de seus recursos e capitais, sem nenhuma interferência de órgãos privados ou governamentais, incluindo a OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), organização fiscal imposta pela lei 5.764/71. A *autonomia*

e *independência* das cooperativas, além de ser um dos princípios do cooperativismo também é um direito garantido por lei. O art. 5º, inciso XVIII, da Constituição Brasileira, diz: A criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento.

As cooperativas são organizações autônomas, de ajuda mútua, controladas por seus associados. Caso entrem em acordo com outras organizações (inclusive governo) ou busquem capital de fontes externas, devem realizar estas iniciativas somente na medida em que possa ser assegurado o controle democrático por parte dos associados, mantendo a autonomia da cooperativa. (RECH, 2000, p.26.)

As cooperativas têm por obrigação a aplicação de parte de seu faturamento em *educação, capacitação e assistência* a seus associados e colaboradores, De acordo com a Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971, art. 28. As cooperativas são obrigadas a constituir: Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social, destinado à prestação de assistência aos associados, seus familiares e, quando previsto nos estatutos, aos empregados da cooperativa, constituído de 5% (cinco por cento), pelo menos, das sobras líquidas apuradas no exercício.

As cooperativas devem oferecer educação e capacitação aos seus associados, a seus dirigentes eleitos, gerentes e empregados, de tal maneira que contribuam eficazmente no desenvolvimento de suas cooperativas. As cooperativas informam também ao público em geral – principalmente aos jovens e aos criadores de opinião – sobre a natureza e os benefícios do cooperativismo. (RECH, 2000, p.27.)

Assim como a união de pessoas com objetivos e necessidades em comum gera benefício a todos, da mesma forma a *cooperação entre as cooperativas* distintas também gera benefício mútuo. Um exemplo concreto desse princípio é a parceria entre a COOPERJA e a CREDIJA – Cooperativa de Crédito Rural de Jacinto Machado. Por volta de 1990, os agricultores da região de Jacinto Machado tinham muita dificuldade em aumentar a produção agrícola ou investir em mecanização em virtude da falta de recursos. O Banco do Brasil e o BESC (na época) quase não liberavam recursos de custeio para os agricultores, apenas uma minoria deles conseguia ter acesso. Mas em meados de 1991, o presidente da COOPERJA Vanir Zanatta, lançou a ideia para o então gerente da cooperativa Volni

Zanatta, para abrirem uma agência bancária nas dependências da própria COOPERJA. O CREDIJA surgiu como uma alternativa para fomentar recurso de custeio e investimento agrícola, com foco no pequeno e médio agricultor rural do município de Jacinto Machado.

As cooperativas servem aos seus associados e fortalecem o movimento cooperativista trabalhando de maneira conjunta por meio de estruturas locais (centrais), regionais (federações), nacionais (confederações) e internacionais. . (RECH, 2000, p.28.)

Além do benefício aos associados e suas famílias as cooperativas devem ter *compromisso com a comunidade* na qual se encontram, irradiando os princípios cooperativistas. Segundo Rech (2000, p.28), “a cooperativa trabalha para o desenvolvimento sustentável da sua comunidade através de políticas definidas por seus associados”.

Dentro desses princípios de cooperação, são fundamentados vários tipos de organizações cooperativas e associativas possíveis. Entretanto, o fundamental para essa pesquisa é salientar que as cooperativas são diferentes das empresas convencionais, tantos em seus princípios como em sua forma de organização e funcionamento.

Podemos definir uma cooperativa como sendo uma associação voluntária de no mínimo 20 pessoas, sem fins lucrativos, porém com fins econômicos, que exercem uma mesma atividade para realizar objetivos comuns, que para tanto contribui equitativamente para formação do capital necessário por meio da aquisição de quotas-partes e aceitam assumir de forma igualitária os riscos e benefícios do empreendimento. É regida pelo princípio democrático de cada pessoa um voto. Os excedentes ou sobras são distribuídas na proporção do trabalho de cada cooperado. (VEIGA, FONSECA, 2001, p. 39)

## **2.4 Tipos de Cooperativas**

As cooperativas são classificadas de acordo com sua natureza seguindo sua área de atuação e/ou finalidade. A opção por um determinado ramo de cooperativa deve estar alinhada com as necessidades dos sócios. Os tipos mais comuns de cooperativa são:

#### 2.4.1 Cooperativa Agropecuária

Cooperativa agropecuária é tipo de cooperativa que mais se popularizou no Brasil. Com o objetivo de arranjar as atividades econômicas dos produtores rurais associados. Para Cruz (2000, p. 64), “Cooperativas agropecuárias são as cooperativas compostas por produtores rurais, cujas atividades podem ainda incluir beneficiamento, armazenamento, transporte, fornecimento de insumos e implementos, distribuição e comercialização dos seus produtos”.

Dentre os serviços oferecidos aos associados, os que mais se destacam são:

Vender em comum a produção entregue pelos sócios. No processo da venda, a cooperativa pode se encarregar de classificar, padronizar, manter em depósito ou armazenamento, beneficiar ou industrializar os produtos recebidos, sempre visando encontrar e obter os melhores preços de mercados. Distribuir aos sócios bens de produção e utilidades necessárias às suas atividades agropecuárias, bem como intermediar o abastecimento de gêneros alimentícios, roupas e outros produtos para a casa e a família. Oferecer serviços na área da produção, pesquisa, assistência técnica, administrativa, social e educacional. Promover a integração entre os associados e suas famílias e a inter-relação com a comunidade em que estão inseridos. (RECH, 2000, p.40)

#### 2.4.2 Cooperativa de Consumo

As cooperativas são fundamentadas na compra coletiva, onde são obtidos melhores preços e condições os seus optantes. O grande trunfo das cooperativas de consumo está no poder de compra, quando há uma quantidade maior de produtos em negociação, fica mais fácil barganhar preço e prazo. Cooperativas de consumo, segundo Rech (2000, p. 38) “são as que se ocupam em distribuir produtos ou serviços aos seus sócios, buscando as melhores condições, os melhores preços e a melhor qualidade”.

Cooperativas de consumo são aquelas dedicadas a comprar por atacado de artigos de consumo para os seus cooperados. Geralmente, costumam exercer sua atividade-fim através de mercados e supermercados próprios, que visam à eliminação da figura do intermediário. As cooperativas desse ramo representam o espírito do nascimento do Cooperativismo, presente no trabalho dos Pioneiros de Rochdale. (CRUZ, 2000, p. 64)

### 2.4.3 Cooperativa de Crédito

As cooperativas de crédito surgiram no Brasil por volta de 1910 com objetivo de ajuda mútua, fomentando recursos e crédito para seus associados. Segundo dados do Portal do Cooperativismo de Crédito (2013), em Dez/2011 o Brasil possuía 1.273 cooperativas de crédito sendo que a maior parte localiza-se nas regiões sul e sudeste. Esse número reflete como uma resposta frente a grande concorrência no mercado financeiro brasileiro, sendo que as Cooperativas de Créditos vem sendo uma opção frente aos grandes grupos financeiros. As cooperativas de crédito, de acordo com Rech (2000 p.37), “têm o objetivo de realizar empréstimos aos seus sócios e, por meio de uma capitalização inicial, permite maior produtividade ou implementação de alguma nova atividade produtiva, vindo suprir dificuldades em obter crédito ou financiamento”.

Cooperativas de Crédito são aquelas cooperativas formadas com base na solidariedade financeira e destinadas a promover a poupança e a financiar as necessidades de consumo ou empreendimentos, dos seus associados. [...] têm como objetivo o financiamento a pequenos empreendedores, a juros módicos, que não são encontrados no sistema financeiro tradicional, e que propiciam a estes empreendedores as oportunidades e facilidades de crédito, necessárias como suporte aos seus projetos de investimentos. (CRUZ, 2000, p. 65)

### 2.4.4 Cooperativas Educacionais

Segundo Cruz (2000, p.66), “são aquelas cooperativas organizadas por professores alunos de escolas agrícolas, cooperativas de pais de alunos e cooperativas afins”.

### 2.4.5 Cooperativas Especiais

Segundo Cruz (2000, p.67), são aquelas formadas com o objetivo principal de atender pessoas relativamente incapazes, ou que necessitam ser tuteladas (índios) e que, por esse motivo, não podem ser plenamente autogestionadas. Incluem-se neste ramo todas as cooperativas antes denominadas “Escolares”, constituídas para atender crianças excepcionais no ensino de primeiro grau.

#### 2.4.6 Cooperativas Habitacionais

Segundo Cruz (2000, p.67), “são aquelas formadas com o objetivo principal de construir, manter e administrar conjuntos habitacionais para seus associados”.

#### 2.4.7 Cooperativa de Infraestrutura (Eletrificação Rural)

Nos dias de hoje viver sem acesso à energia elétrica e seus benefício é algo extremamente difícil, da mesma maneira os habitantes que vivem em áreas rurais têm a mesma necessidade. Fato assistido pelo Estatuto da Terra, que prima pela modernização da agricultura e elevação das condições para a permanência do homem no campo, a fim de evitar o êxodo rural. Para Rech (2000, p. 43), “esta forma de cooperativa visa reunir pessoas interessadas em conseguir meios para produzir energia elétrica pra as suas propriedades rurais ou implantar extensões de redes para ligação nos sistemas de produção estatal”.

#### 2.4.8 Outros tipos de Cooperativas

Existem também as Cooperativas de: Mineração; Produção; Saúde; Trabalho e Transporte.

### **2.5 Direitos e Deveres dos Associados**

O cumprimento de determinadas regras em qualquer tipo de organização ou associação é de fundamental importância para o exercício das atividades dispostas. Da mesma maneira o bom funcionamento de uma cooperativa é diretamente proporcional à observação dos direitos e deveres dos cooperados.

#### 2.5.1 Direitos Associados

A respeito dos Direitos, Cruz (2000, p. 69) diz que, todos os cooperantes têm direito a:

- Participar das Assembleias Gerais, discutindo e votando os assuntos nela

tratados;

- Levar ao Conselho de Administração e/ou Diretoria às Assembleias Gerais propostas de interesse dos cooperantes;
- Votar e ser votado para membro do Conselho de Administração e/ou Diretoria ou do Conselho Fiscal da Cooperativa;
- Utilizar os serviços prestados pela Cooperativa;
- Ser informado e solicitar informações sobre as atividades da Cooperativa, inclusive com acesso às demonstrações contábeis;
- Receber retorno das sobras e demais vantagens oferecidas pela cooperativa;
- Convocar Assembleia, caso seja necessário, dentro do estabelecido na Lei;
- Pedir esclarecimento ao Conselho de Administração, recebendo, a tempo e a hora, toda e qualquer informação.

#### 2.5.2 Deveres dos Associados

A respeito dos Deveres, Cruz (2000, p. 69) diz que, todos os cooperantes têm de conhecer e cumprir o que está previsto no estatuto da Cooperativa, destacando-se:

- Operar com a Cooperativa;
- Participar das Assembleias;
- Subscrever e integralizar as quotas-partes do capital;
- Votar nas eleições da Cooperativa;
- Cumprir seus compromissos com a Cooperativa;
- Conhecer o Estatuto da Cooperativa, bem como o cooperativismo, seus princípio e valores.

#### 2.6 Sociedade Cooperativista x Sociedade Mercantil

Em uma sociedade predominantemente capitalista, a escolha por um modelo de gestão empresarial que visa à união comum como meio de competir parece um tanto contraditório. Entretanto, quando todos possuem um objetivo em

comum, a cooperação entre si é o caminho mais rápido para a obtenção do mesmo.

Quadro 01 Comparativo cooperativa e microempresa

	COOPERATIVA	MICRO EMPRESA
1 - DEFINIÇÃO	Sociedade civil/comercial sem fins lucrativos	Sociedade comercial, com receita bruta anual igual ou inferior a 120 mil reais (com algumas restrições previstas em lei).
2 – OBJETIVOS	Viabilizar e desenvolver a atividade produtiva dos seus associados. Transformar bens, atuando em nível de mercado. Armazenar e comercializar. Dar assistência técnica e educacional aos associados.	Realizar atividades mercantis, de comércio ou indústria, de interesse dos seus sócios.
3 – AMPARO LEGAL	Constituição (art. 5º) Código Civil Lei 5.764/71	Código Comercial Lei 7.256/84 Lei 9.317/96 Lei 8.864/94
4 – NÚMERO DE SÓCIOS	Mínimo de 20 pessoas que exerçam atividades afins.	Uma pessoa
5 – INDICAÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO E REGISTRO	Discussão e elaboração dos estatutos. Aprovação. Eleição da diretoria. Ata de constituição. Subscrição das quotas-partes. Encaminhamento da documentação à Junta Comercial do Estado. Abertura de livros: Ata, Caixa e Associados. Junta Comercial arquiva documentos e encaminha CNPJ. Abertura de conta bancária e outras providências. INSS -Ministério do Trabalho – Alvará da Prefeitura.	Preencher formulário de busca, contrato social, requerimento padrão da Junta Comercial, declaração de microempresa, Ficha CNE, ficha de inscrição no CNPJ. Pagar taxas de busca, Tecec (código 167) e Darf (Código 6621). Dirigir-se à junta Comercial com esses documentos e comprovantes e mais fotocópia do CPF e RG dos sócios. Posteriormente ir à Secretaria da Fazenda com toda documentação registrada na junta e mais declaração cadastral Deca.
6 – PONTOS ESSENCIAIS NOS ESTATUTOS	Nome, tipo de entidade, sede e foro. Área de atuação. Definição do exercício social e do balanço geral. Objetivos sociais. Entrada e saída dos associados. Responsabilidade limitada ou ilimitada dos associados. Formação distribuição e condições de retirada do capital social. Estrutura diretiva e quem responde juridicamente, Prazo do mandato dos dirigentes, do conselho fiscal e processo de substituição. Convocação e funcionamento da assembleia geral. Distribuição das sobras e rateio dos prejuízos. Casos e formas de dissolução. Modo e processo de alienação ou oneração de bens imóveis.	Não Possui estatutos. O seu registro é feito através de formulário padrão para firma individual ou de contrato social quando há mais de uma pessoa na sociedade. O contrato social deverá obrigatoriamente conter: Nome e identificação da empresa e dos seus sócios (ao final do nome da microempresa, acrescentar ME) Participação financeira na constituição do capital social. A sede e foro da empresa. Objetivos. Duração. Entrada e saída de sócios. Responsabilidades dos sócios e modo de administrar. Distribuição dos lucros. Forma de dissolução.

	Reforma dos estatutos. Destino do patrimônio na dissolução ou liquidação.	
7 – FORMAÇÃO DO PATRIMÔNIO	Possui capital social, o qual, somado ao imobilizado (fundos, bens móveis e imóveis) facilita a obtenção de crédito junto às instituições financeiras. O capital social é constituído por aportes dos associados (quotas-partes) ou, em partes, como o restante do patrimônio, pode ser constituído por doações, empréstimo e processos de capitalização.	É constituído pela participação financeira, mobiliária e imobiliária dos sócios, doações, empréstimos e financiamentos, além da capitalização nas operações mercantis.
8 – REPRESENTAÇÃO LEGAL	Pode representar os associados em ações coletivas de interesse dos mesmos.	O detentor do maior capital ou o eleito entre os seus integrantes representa a sociedade, mas não os demais sócios individualmente, a não ser que instrumento leal o autorize.
9 - ÁREA DE AÇÃO	A sua área de ação é apenas limitada pelos seus objetivos.	A área da atuação é apenas limitada pelo âmbito de suas atividades.
10 – ATIVIDADES MERCANTIS	Realiza atividades de comércio diretamente	Tem como finalidade realizar atividades mercantis
11 – OPERAÇÕES FINANCEIRAS	Realiza operações financeiras e bancárias usuais e pode realizar operações de EGF (empréstimos do governo federal) e AGF (aquisições do governo federal), as quais facilitam as suas operações de aquisições de produtos do quadro social. As cooperativas de produtores rurais são beneficiárias do crédito rural.	Realiza operações financeiras e bancárias usuais.
12 – RESPONSABILIDADE DOS SÓCIOS	A responsabilidade dos sócios está limitada ao montante de suas respectivas quotas-partes, a não ser que os estatutos determinem diferentemente. Quando os estatutos determinam a responsabilidade a responsabilidade ilimitada os sócios podem responder com o seu patrimônio pessoal.	Os sócios respondem no limite de sua participação no capital da microempresa, a não ser que o contrato determine diferentemente ou nos casos de fraude ou dolo.
13 – REMUNERAÇÃO DOS DIRIGENTES	Os diferentes são remunerados por meio de retiradas mensais pró-labore, definida pela assembleia.	Os sócios integrantes da direção da microempresa realizam retirada mensais pró-labore pelo exercício do cargo.
14 – DESTINO DO RESULTADO FINANCEIRO	Há rateio das sobras obtidas no exercício financeiro, devendo antes a assembleia destinar parte aos fundos de reserva e educacional (retenção obrigatória de 10% e 5% respectivamente). As demais sobras podem ser destinadas a outros fundos de capitalização ou diretamente aos associados de acordo com a	A instância de decisão da microempresa, formada pelos sócios, define a destinação do resultado financeiro. O montante destinado aos sócios é distribuído de acordo com o percentual de participação de cada um na constituição do capital da empresa.

	quantidade de operações de que cada um deles teve com a cooperativa.	
15 – ESCRITURAÇÃO CONTÁBIL	A escrituração contábil é específica e mais complicada pela exigência de controle de cada conta - capital dos associados e devido a características especiais para operações com não sócios.	A escrituração contábil é muito simplificada, o mesmo ocorrendo quanto às obrigações previdenciárias e trabalhistas.
16 – OBRIGAÇÕES FISCAIS E TRIBUTÁRIAS	Não paga imposto de renda sobre as suas operações com os associados. No entanto, deve recolher, sempre que couber imposto de renda na fonte e o imposto de renda sobre operações com terceiros; Está teoricamente imune (não deveria pagar) do ICMS nas operações com os associados (ato cooperativo), mas os estados têm assim mesmo cobrado aquele imposto; Paga as demais taxas e impostos.	É isenta de Imposta de Renda, do Imposto sobre Operações Financeiras e do PIS. Tem redução na alíquota do IPI e é isenta do ICMS (estados) e ISS (Município) desde que esta isenção não acarrete perda de receita (ao Estado ou ao Município) superior a 5% da arrecadação total do respectivo imposto. Pode aderir ao sistema <i>SIMPLES</i> (Lei 9.317/96) quando paga unicamente de 3% a 5% sobre a renda bruta acumulada no exercício do ano.
17 – FISCALIZAÇÃO	Poderá ser fiscalizada pela Prefeitura (Alvará/ISS/IPTU), Fazenda Estadual (nas operações de comércio), INSS, Ministério do Trabalho e Receita Federal (Imposto de Renda).	Poderá ser fiscalizada pela Prefeitura (Alvará/ISS/IPTU), Fazenda Estadual (nas operações de comércio), INSS, Ministério do Trabalho e Receita Federal (Imposto de Renda).
18 – ESTRUTURAS DE REPRESENTAÇÃO	Pode constituir órgãos de representação e defesa dos seus interesses e direitos, havendo atualmente um órgão oficial de representação imposto por lei (sistema OCB), ao qual as cooperativas não são mais obrigadas a se filiar.	Existem estruturas de representação (da Micro e Média Empresa) às quais podem se filiar. Em nível federal, com o objetivo de apoio, existe o Conselho de Desenvolvimento da Micro, Pequena e Média Empresa e a Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresarial (SEBRAE) ao qual as Microempresas não se filiam mas podem recorrer para assessoria e suporte de suas atividades.
19 – DISSOLUÇÃO E LIQUIDAÇÃO DA ENTIDADE	A dissolução é definida pela assembleia; Pode ocorrer também a liquidação da entidade por processo judicial. Neste caso, o juiz nomeia uma pessoa como liquidante.	Pode ser cancelada, destruída ou dissolvida (pedido de baixa) por decisão dos seus sócios. Pode ter o cancelamento do seu registro por perda de condição de microempresa (neste caso, continua como qualquer outra sociedade comercial) Pode ter decretada falência por decisão judicial.
20 – DESTINO DO PATRIMÔNIO, CASO HAJA O FIM DA ENTIDADE	Os bens remanescentes, cobertas as dívidas e os montantes correspondentes às quotas-partes dos associados, deverão ser destinados às	Supridas as obrigações, os bens remanescentes são distribuídos aos sócios de acordo com a sua respectiva participação do capital.

	entidades afins. Em caso de liquidação, os associados são responsáveis, limitada ou ilimitadamente (conforme os estatutos) pelas dívidas.	
21 – POSSIBILIDADE DE CONTROLE	Na cooperativa, é um voto por pessoa, mas a possibilidade de acumular muitas quotas-partes por algumas pessoas que têm mais operações com a mesma faz com que um grupo ou uma pessoa passem a ter muito mais poder (econômico) que os demais. Quando os associados estão em igualdade do ponto de vista econômico, o controle pode ocorrer pela força política de um grupo.	Aqui quem manda é o capital. Quem tem mais capital ou faz alianças de capital entre sócios, formando percentuais majoritários.

Fonte: RECH, 2000

## 2.7 Estrutura de Representação do Cooperativismo

Figura 03 Estrutura de representação do cooperativismo



Fonte: OCESC, 2013

### 2.7.1 ACI

A Aliança Cooperativa Internacional é o órgão máximo de representação do cooperativismo no mundo. Sua função básica é de conservar e proteger os

princípios cooperativistas. A sede mundial localiza-se na cidade de Genebra, na Suíça, e possui quatro sedes continentais: América, Europa, Ásia e África.

A ACI foi fundada em 1985, especialmente por iniciativa de líderes cooperativistas ingleses, franceses e alemães, destacando-se entre estes o antigo socialista cristão e secretário executivo da União Cooperativa Inglesa, Vansitart Neale, e Georges Holyoake, da Inglaterra e Edouard de Boyve, da França. Objetivo da fundação da ACI era criar um órgão representativo gremial a nível internacional, que intensificasse o intercâmbio entre as cooperativas dos diversos países, inicialmente a nível doutrinário, educativo e técnico e que, a expectativa de alguns dos fundadores, posteriormente poderia evoluir em direção a uma cooperativa centra internacional de consumo. (SCHNEIDER, 1991, p.46)

### 2.7.2 OCB

A Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB é um sistema composto pela Confederação Nacional das Cooperativas – CNCOOP, Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP, juntamente com 26 organizações estaduais, que são responsáveis pela promoção e fortalecimento do cooperativismo em seus estados. Cuja missão é: Representar o sistema cooperativista nacional, respeitando a sua diversidade e promovendo a eficiência e a eficácia econômica e social das cooperativas.

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) é o órgão máximo de representação das cooperativas no país. Foi criada em 1969, durante o IV Congresso Brasileiro de Cooperativismo. A entidade veio substituir a Associação Brasileira de Cooperativas (ABCOOP) e a União Nacional de Cooperativas (UNASCO). A unificação foi uma decisão das próprias cooperativas. Entre suas atribuições, a OCB é responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista, em todas as instâncias políticas e institucionais. É de sua responsabilidade também a preservação e o aprimoramento desse sistema, o incentivo e a orientação das sociedades cooperativas. (<http://www.ocb.org.br/site/ramos/index.asp>, site OCB, acessado em 21/05/2013).

### 2.7.3 OCESC

A Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina – OCESC representa todos os diversos tipos de cooperativistas do estado. É um órgão representativo do Sistema Cooperativo Estadual, cujos objetivos são: a realização de estudos e proposição de soluções; promoção da divulgação da doutrina cooperativista; fomento e criação de novas cooperativas; estímulo ao fortalecimento do sistema de representação do cooperativismo; assistência geral ao

cooperativismo; prestação de serviços de ordem técnica em nível de direção, funcionários e associados às cooperativas filiadas; promoção de congressos, encontros, seminários e ciclos de estudos; integração com as entidades congêneres das demais unidades da Federação.

De acordo com o artigo 107 da Lei n.º 5.764/71, as cooperativas são obrigadas, para seu funcionamento, a registrar-se na Organização das Cooperativas Brasileiras ou na entidade estadual, se houver, mediante apresentação dos estatutos sociais e suas alterações posteriores.

#### 2.7.4 SESCOOP/SC

SESCOOP/SC é o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo em Santa Catarina. É um órgão descentralizado, formado pelo Conselho Nacional do SESCOOP, por meio da Medida Provisória n.º 1.715, de 03 de setembro de 1998 e Decreto n.º 3.017, de 06 de abril de 1999, sendo que seu principal objetivo é dar cumprimento às ações de formação profissional, e promoção social das cooperativas Catarinenses.

### 3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O Presente Capítulo representa a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Neste estudo, foram utilizadas fontes orais as quais foram obtidas através de entrevistas semiestruturadas e tomadas de depoimentos para entendermos sobre a importância da COOPERJA, para os cooperados. Segundo Andrade (2005, p. 119), pesquisa é o “conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos.” A oralidade serve como método de pesquisa, pois ela permite obter conhecimentos novos e fundamentar análises históricas. Também se utilizou fontes bibliográficas referentes ao cooperativismo, assim como documentos, os quais foram cedidos pela COOPERJA, Prefeitura Municipal de Jacinto Machado e EPAGRI. **Quanto aos fins**, a pesquisa será descritiva.

- a. **Descritiva** porque visa descrever os benefícios sociais e econômicos da criação da Cooperativa Agrícola de Jacinto Machado para o município e região.

**Quanto aos meios de investigação apresentam-se como:** bibliográfica e pesquisa de campo.

- b. **A pesquisa bibliográfica** foi efetuada com e base em material publicado em livros e redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público. Neste sentido a pesquisa bibliográfica buscou a fundamentação teórico-metodológica do assunto. A pesquisa bibliográfica para Oliveira (1997, p. 119), “tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno.”
- c. **A Pesquisa Descritiva** tem como objetivo referenciar de forma teórica o que já acontece na prática no município de Jacinto Machado com a criação da COOPERJA.
- d. **A Pesquisa de Campo** foi realizada no município de Jacinto Machado entre os meses de março e abril de 2013. As entrevistas com cooperados e cooperadas tiveram o objetivo de descrever a situação social e econômica da região antes COOPERJA e depois de sua criação, juntamente com os benefícios da sua criação.

### 3.1 DEFINIÇÃO DA ÁREA OU POPULAÇÃO – ALVO

O universo da pesquisa de campo foi constituído por cooperados do município de Jacinto machado sócios e sócias da COOPERJA. A composição da amostra foi de homens e mulheres, que trabalham ou trabalharam (aposentados) com rizicultura. Os entrevistados preferenciais seriam os 117 associados fundadores, pois esses participaram efetivamente do processo de criação e vivenciaram todas as fases da COOPERJA e sua história ao longo de 43 anos desde sua criação. Desses, muitos já faleceram e vários não tinham condições de saúde para serem entrevistados. Outro fator que prejudicou a definição do público alvo foi o período em que as entrevistas foram realizadas. Por se tratar do fim da safra do arroz, muitos associados optaram por não participar do questionário pelo fato de terem grande quantidade de trabalho em suas propriedades. Mesmo com esses empecilhos, a pesquisa contou com um número de 11 associados fundadores, 8 associados atuais e 4 ex-presidentes.

### 3.2 SÍNTESE DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Tipo de Pesquisa Quanto aos fins</b>	<b>Meios de Investigação</b>	<b>Técnica de Coleta de Dados</b>	<b>Procedimentos de Coleta de dados</b>	<b>Técnica de análise de dados</b>
Descrever a economia de Jacinto Machado antes da criação da COOPERJA	<b>Descritiva</b>	<b>Pesquisa de Campo</b>	<b>Questionário</b>	<b>Pergunta Aberta</b>	<b>Qualitativa</b>
Verificar a relação do desenvolvimento da rizicultura no município e a COOPERJA	<b>Descritiva</b>	<b>Documental</b>	<b>Referência Bibliográfica</b>	-	-

Apresentar os fatores que motivaram a criação da COOPERJA	<b>Descritiva</b>	<b>Pesquisa de Campo</b>	<b>Questionário</b>	<b>Pergunta aberta</b>	<b>Qualitativa</b>
Expor os benefícios da criação da COOPERJA como fator de mudança na vida dos agricultores associados	<b>Descritiva</b>	<b>Pesquisa de Campo</b>	<b>Questionário</b>	<b>Pergunta aberta</b>	<b>Qualitativa</b>

Na pesquisa foi utilizada entrevista estruturada com perguntas abertas. As entrevistas foram realizadas nas propriedades rurais dos entrevistados. Os associados foram questionados sobre a importância da mudança do sistema de plantio do arroz sequeiros para o sistema irrigado, e qual o papel da cooperativa nesse processo, assim como quais mudanças o pró- várzea e a COOPERJA promoveram em suas vidas. Os entrevistados não detinham de desenvoltura para comentar sobre tópicos relacionados ao trabalho e vida financeira, pelo fato talvez de não conhecerem o entrevistador e também pela típica desconfiança de quem vive no interior. Sendo assim, as entrevistas seguiram muito mais um tom de conversa, do que de entrevista propriamente dita.

#### 4. JACINTO MACHADO

Jacinto Machado, localiza-se no sul de Santa Catarina e está instalado na planície costeira, quase ao pé da Serra Geral, o qual possui uma área de 429 Km<sup>2</sup> e uma população 10.609 habitantes de acordo com dados do censo realizado pelo IBGE de 2010.

Figura 4 Mapa AMESC



Fonte: Prefeitura Municipal de Jacinto Machado, 2013.

Figura 4 – Aspectos gerais e históricos do município de Jacinto Machado

Aspectos Gerais e Históricos	
Localização - Mesorregião IBGE	Sul Catarinense
Coordenadoria Regional do SEBRAE/SC	Regional Sul
Associação dos Municípios	AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
Secretaria de Desenvolvimento Regional de SC	SDR-Araranguá
Área territorial (km <sup>2</sup> )	439 (km <sup>2</sup> )
Distância da Capital (km)	196
Altitude (metros)	50
População Total 2010	10.609
Densidade demográfica 2010 (hab/km <sup>2</sup> )	24,18
Data de fundação.	23/07/1957
Colonização.	Italiana.
Gentílico	jacinto-machadense
Número de Eleitores	8.643

Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010. - Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado do Planejamento, Dados Estatísticos Municipais 2010 - Assessoria de Planejamento do SEBRAE/SC (ASSPLAN), Estrutura Organizacional das Coordenadorias Regionais - Federação Catarinense de Municípios (FECAM) - Santa Catarina Turismo S/A (SANTUR) - Prefeitura Municipal de Jacinto Machado.

#### 4.1. HISTÓRIA

A ocupação humana de Jacinto Machado se deu inicialmente com os índios xoklengs que viviam da caça e da pesca. Os primeiros colonizadores fixaram moradia nessa região por volta de 1727, através da estrada “Conventos-Curitiba” uma rota que cortava o vale do Araranguá, passando pela Serra Geral, chegando aos campos de Curitiba. Com esse desvio, os tropeiros cruzaram por mais de um século as terras da região. A região de Jacinto Machado que já era habitada por indígenas, passou a ser ocupada por açorianos, italianos e alemães, que sofriam ataques constantes de índios, dificultando suas vidas e o desenvolvimento dessa região.

Toda área do município pertenceu, primeiramente, a quatro latifundiários: Maria Monteiro de Guimarães e Cunha, João da Silva Córdova, Antonio Manoel Bandeira e Martinho Guizzo. Nenhum desses latifundiários aqui residia. Desde o século passado, alguns como proprietários e outros como posseiros, residiram aqui. (FONTANELLA, 1995, p.8).

Não existiam escolas, mercados, igreja, devido aos constantes conflitos entre os colonos e os indígenas. As poucas pessoas que fixavam moradia não regularizavam suas terras e acabavam se apossando das áreas onde se instalavam.

Os terrenos concedidos pela coroa não forneciam exatidão dos limites de suas terras, abrindo caminho para os posseiros. Os poucos latifundiários ou herdeiros legais que foram beneficiados nem sabiam onde eram suas terras. Os posseiros só produziam o necessário para sobreviver e a estagnação da região durou até a década de 20, do ano de 1900(Atlas Escolar de Santa Catarina, 1991).

Figura 5 Centro de Jacinto Machado 1952



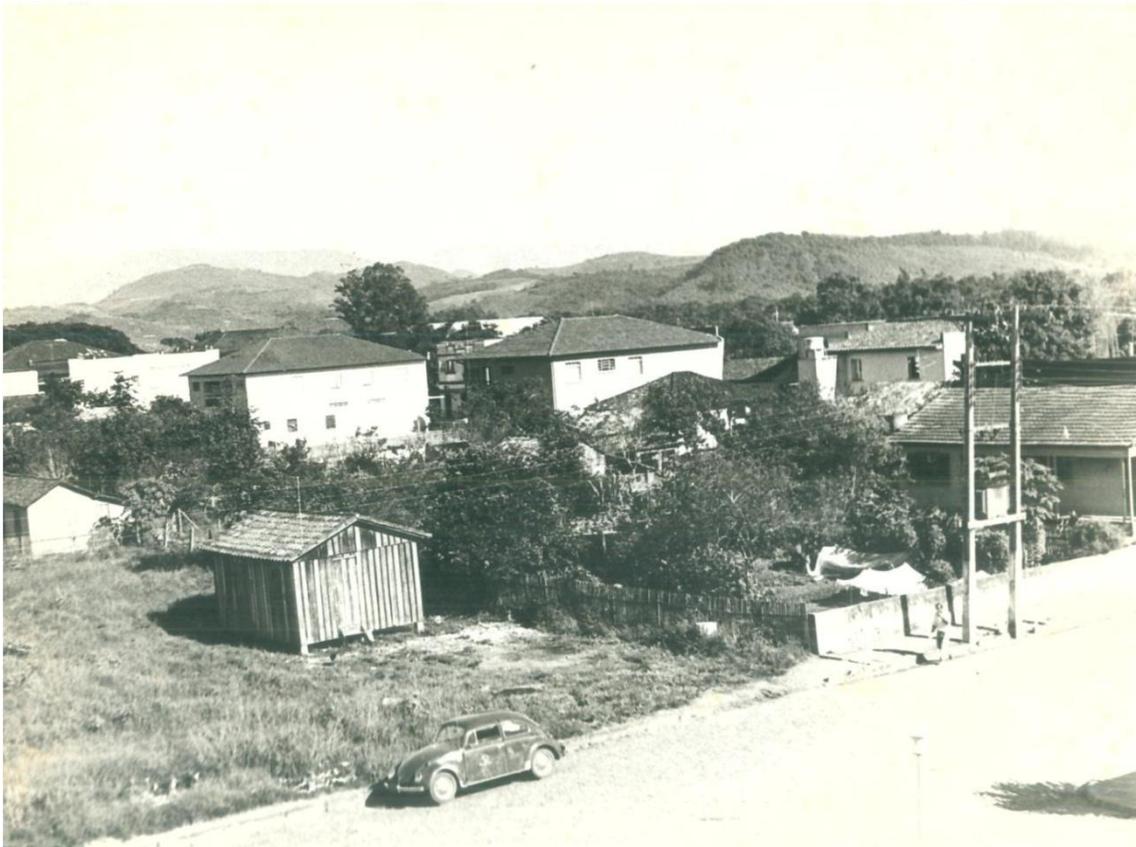
Fonte: Prefeitura Municipal de Jacinto Machado, 2013.

De acordo com registros da Prefeitura Municipal de Jacinto Machado, entre 1920 a 1930, a região recebeu sua maior leva de migrantes e imigrantes italianos. Toda a região de Araranguá pertencia a Laguna, mas logo se desmembrou. Então, Araranguá passou a ter jurisdição sobre todas as terras do

extremo sul catarinense, inclusive Criciúma. Houve novos desmembramentos, até chegar ao município de Turvo, que passa a ter jurisdição sobre as terras de Jacinto Machado. Em 11 de setembro de 1930, foi elevada a categoria de Distrito, pela Lei n.º 1709. Foi instalado a 22 de abril de 1931 e elevado a Vila em 31 de junho de 1938. Foi elevado a município pela Lei n.º 348 de 21 de junho de 1958, com instalação em 23 de junho de 1958. Até 1943 era conhecido como “Volta Grande”. O lugar recebeu esse nome porque a estrada que vinha do norte acompanhava o rio, fazendo todas as voltas, tornando grande o percurso.

Por um decreto de 1943, Volta Grande passa a se chamar Jacinto Machado, em homenagem ao brigadeiro Jacinto Machado Bitencourt, catarinense que defendeu o Brasil na guerra do Paraguai, nascido em Desterro, atual Florianópolis (FONTANELLA, 1985, p.15)

Figura 6 Rua de Jacinto Machado 1952



Fonte: Prefeitura Municipal de Jacinto Machado, 2013

## 4.2 ECONOMIA

Segundo Fontanella (2011, p.14), “antes da imigração ítalo brasileira, pouco ou nada existia aqui. Havia olaria, engenhos de farinha e de açúcar, de ervamate e botequins. A partir de 1923 começou a desenvolver-se”.

Os imigrantes promoveram o desenvolvimento da região através da agricultura. No início a atividade era praticada para subsistência. Egídio Tomasi, vindo de Rio Caeté (Urussanga), instalou a primeira serraria em 1922, dando o passo inicial para a atividade comercial na localidade. Em 1925, Nicolau Trevisol veio de Rio Caeté e no ano seguinte associou-se a seus irmãos Luiz, Ângelo e Francisco, instalando o comércio de secos e molhados. Os irmãos Trevisol também construíram uma fábrica de banha, um curtume e uma selaria. Estas iniciativas deram impulso ao desenvolvimento local.

Jacinto Machado era essencialmente agrícola. Ainda hoje 60% da população vivem da lavoura e o restante depende da lavoura. Em Jacinto Machado desenvolvia-se como atividade principal a cultura da banana, que era cultivada em praticamente todo o município. Em segundo lugar vinha o cultivo do fumo que abastecia as fumageiras da região e em seguida havia a cultura do arroz sequeiro que tinha baixa produtividade e oscilava na margem de 30 a 40 sacos por hectare. (Fontanella, 2011, p.18)

Por volta do ano de 1980 é que alguns agricultores tiveram conhecimento do sistema de plantio irrigado o qual já era realizado em algumas áreas de Santa Catarina. Passaram a produzir arroz no sistema de pré-germinado foi então que a produção desse produto passou a aumentar. O arroz passou a ser de grande importância para o desenvolvimento da economia regional, pois com o aumento da produção os agricultores passaram a buscar linhas de crédito para a aquisição de maquinários agrícolas.

Em Jacinto Machado, o crédito agrícola beneficiou prioritariamente a cultura do arroz, mas, os recursos liberados pelo governo federal eram escassos e acabavam contemplando um pequeno número de agricultores. Os produtores de feijão e milho foram excluídos dos financiamentos, havendo com isso uma retração na área daqueles cultivos, ou em certas situações, ocorreu o deslocamento desses, para áreas menos férteis ou com superfície de relevo acidentado.

Tabela 5 – Produto interno bruto de Jacinto Machado 2002-2009

<b>PIB (em milhões de reais)</b>	
<b>Período</b>	<b>Jacinto Machado</b>
2002	68,5
2003	106,0
2004	114,9
2005	106,4
2006	111,2
2007	125,2
2008	169,8
2009	181,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais - Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria do Estado do Planejamento, Produto Interno Bruto dos Municípios 2011.

Nos dias atuais a economia do município gira principalmente em torno da produção do arroz que gera receita e aquece o comércio. A produção de bananas que já foi uma das principais atividades, também contribui para a economia fornecendo matéria-prima para as três fábricas de balas e doces de banana.

Com menor expressão vem a produção de maracujá, fumo e feijão. Também existem no município, pequenas indústrias moveleiras, além da criação de suínos e frangos que contribuem mesmo que em menor escala para o desenvolvimento econômico do município.

#### **4.2.1 Turismo Rural**

De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Jacinto Machado o turismo rural tem despontado como uma fonte de renda alternativa aos agricultores, que residem próximos as encostas da Serra Geral.

Em virtude da proximidade com o Parque dos Aparados da Serra, Jacinto Machado desperta o interesse para o turismo. Nesse município se localiza o maior cânion do Brasil, o Cânion da Fortaleza. Bastante visitado em sua parte superior através de Cambará do Sul (RS), tem seu interior localizado em Jacinto Machado, a cerca de 20 km do centro, na localidade de Tigre Preto. Completando o esplendor

desse cenário, também existem cascatas que formam piscinas naturais e uma floresta riquíssima são alguns dos atrativos do lugar. Muitas trilhas levam os turistas a pontos de visitação como a trilha da antiga “estrada dos conventos”, que liga Jacinto Machado a Cambará do Sul, região inicialmente habitada por índios xokleng.

Figura 7 Turismo rural - Propriedade Lídio Mendes em Jacinto Machado/SC



Fonte: Fotografia Aline Matias Bernardo

Jacinto Machado tem implantado e organizado o turismo rural junto aos produtores rurais desenvolvendo modalidades de agro turismo. Aproveitando o potencial natural tem-se incentivado o "turismo de aventura", onde os morros estão sendo mapeados para o voo livre e trilhas para os Jeep cross estão sendo identificadas, entre outros esportes radicais.

O Município tem desenvolvido o turismo rural em propriedades rurais produtivas, onde o visitante além de conhecer as propriedades pode participar do cotidiano das mesmas que oferecem também, comida típica e produtos coloniais e artesanais da região. Os turistas que visitam Jacinto Machado podem ainda, aproveitar as belezas naturais que a localidade oferece como rios cristalinos, cascatas, cavalgadas, trilhas ecológicas e os mais diferentes passeios e programas de contato direto com a natureza. O município aposta no turismo rural como uma opção de renda para muitos agricultores, aquecendo assim a economia do município.

#### 4.2.2 Rizicultura

Assim como Jacinto Machado a região teve possibilidade de desenvolvimento no contexto agrícola, contando com um contingente populacional proveniente das mais diversas localidades. Isso provocou a alteração da dinâmica econômica da região que passou a reestruturar-se em prol do novo modelo econômico.

O plantio do arroz irrigado foi introduzido pelos imigrantes italianos no Vale do Itajaí, no começo do século XX, provavelmente em decorrência do próprio ambiente da região, caracterizado pela predominância de solos argilosos, mal drenados e pela inexistência de uma estação seca, dificultando o preparo convencional do solo. Para a utilização deste sistema, exige-se a sistematização da área, obra relativamente onerosa, porém definitiva. (EPAGRI, 2005, p.25).

Essa técnica foi trazida pelos imigrantes italianos por volta de 1910, transformou Santa Catarina em um forte produtor de arroz, graças às condições favoráveis de clima e solo. Esses agricultores concentram-se em pequenas propriedades onde manejam a cultura do arroz e conseguem extrair o máximo de produção de suas lavouras para o sustento de suas famílias.

As atividades agrícolas praticadas em Jacinto Machado têm suas atividades baseadas predominantemente na mão de obra familiar, com forte caráter de diversificação das atividades que contam com uma região de terras férteis.

O solo do extremo sul catarinense mostra-se propício para o cultivo de várias culturas como banana, milho, feijão, fumo e arroz. Dentre os municípios que compõe a AMESC (Associação dos Municípios do Extremo Sul de Santa Catarina), Jacinto Machado já teve destaque por ser grande produtor de bananas, mas foi com a cultura do arroz que o município conseguiu se estruturar e alavancar a economia.

A técnica praticada em pequenas propriedades, que com a cultura do arroz pré- geminado passaram a ter mudanças consideráveis na qualidade de vida da população do município deste município. A forma de plantio do arroz enfrentou mudanças como: a substituição de animais pelas máquinas; surgiram novas formas de cultivo; houve aumento das áreas de plantio e de produção. Tais mudanças afetaram a vida dos agricultores e transformaram a vida da região.

A cultura do arroz é uma das principais fontes de recursos na economia desta região que nos últimos anos ganhou força, impulsionada pelos preços e pelas facilidades de cultivo. Sendo assim, houve um enfraquecimento de outras culturas da região, como: milho, banana, fumo e feijão.

O baixo desenvolvimento do município até essa década se deu pela falta de conhecimentos de novas técnicas de plantio que proporcionariam um aumento de produtividade. O arroz passou a ganhar destaque no município de Jacinto Machado, devido ao nível tecnológico com alto grau de mecanização, produzido no sistema de irrigação, atingindo assim produtividade elevada, sendo indiscutivelmente um divisor de águas na economia do meio rural do extremo sul catarinense. Somente a partir da década de 1980 que a rizicultura passou a gerar um excedente que se transformou em riquezas. Segundo Silva (2003, p. 16.) “aumentando a produtividade do trabalho, propicia a formação de um lucro extraordinário para o capital individual”.

O desenvolvimento dessa região está associado ao desenvolvimento de tecnologias de produção que foram promovidas por pesquisas. A informação referente ao novo sistema de plantio era repassada aos produtores pela assistência técnica, oferecida pela ACARESC. Eram informações referentes à melhoria no controle de ervas daninhas e pragas e o uso correto de adubação que proporcionaram a melhora no sistema de cultivo do arroz pré-germinado. Resultando assim numa produtividade elevada de na média 120 a 150 sacos de 50 Kg por hectare.

Nos anos 80, com o pró- várzea começou a mudar a técnica de semeadura no litoral sul catarinense. A partir daí todas as oito mil famílias que vivem do arroz em Santa Catarina passaram a utilizar o plantio pré-germinado. Começamos a controlar o arroz vermelho e a aumentar a produtividade das lavouras. (Ronaldir Knoublauch,engenheiro agrônomo da EPAGRI)

Desse modo, os agricultores passaram a aumentar as áreas de plantio do arroz, vendo nesta cultura a perspectiva de facilidade de produção dada pelo processo de modernização que assinalava melhorias nos seus rendimentos. O arroz passou a ter destaque no município de Jacinto Machado, após passar a ser produzido no sistema de irrigação, aumentando consideravelmente a sua produção.

Figura 8 Plantação de arroz em jacinto machado



Fonte: O autor, 2013.

A agricultura em Jacinto Machado e em toda a região sofreu alterações, antes muitas famílias produziam apenas para sua subsistência, com essa mudança a maioria mesmo com muitas dificuldades passaram a produzir com certo excedente. Mesmo sendo uma estrutura agrária de pequenas propriedades agrícolas, do tipo propriedade familiares, com o novo sistema muitos agricultores mudaram especificamente para a monocultura do arroz que contém técnicas e modernização apropriadas, que tornaram a rizicultura um agente de desenvolvimento agrícola.

Com o aumento da produção de arroz os agricultores da região de Jacinto Machado passaram a enfrentar um sério problema de armazenagem da produção. Estes não possuíam um lugar apropriado para estocar a produção, então, acabavam depositando a colheita em engenhos particulares, os quais adotavam critérios que não traziam benefícios aos agricultores.

Diante desse contexto viam-se desprovidos de alternativa, até que o governo federal por meio de seus órgãos, INCRA e a ACARESC, passaram a motivar o cooperativismo em Santa Catarina. Desse modo, fundou-se a COOPERJA, que passou a ser essencial para a economia do município e principalmente para os agricultores. A cooperativa passou a garantir o armazenamento, assim como a comercialização do arroz que tem sido o responsável pelo desenvolvimento econômico não só de Jacinto Machado, mas em toda a região. Vários setores da

economia foram e ainda são beneficiados através de sua cadeia produtiva, gerando mais empregos e melhora na qualidade de vida de muitas pessoas, mesmo as que não são ligadas diretamente ao setor agrícola, por exemplo, construção civil, e o comércio em geral. Desde a sua criação a COOPERJA tem papel importante na vida de cada agricultor que veem no cooperativismo um modo de unir forças e ganhar muito mais evitando a exploração dos atravessadores, tanto na hora da comercialização de sua produção como na aquisição de insumos agrícolas.

## **5 COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DE JACINTO MACHADO – COOPERJA**

A área de atuação da COOPERJA concentra-se na região Sul Catarinense e Norte Gaúcho. A COOPERJA representa mais de 10% da produção

catarinense e 0,8% da produção nacional de arroz. Sua produção é comercializada em Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Paraíba, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sendo a maior cooperativa de Santa Catarina em recebimento e comercialização de arroz.

### **Missão**

Através do cooperativismo, promover o desenvolvimento econômico das comunidades onde atua com responsabilidade socioambiental.

### **Visão**

Ser reconhecida como a melhor opção de negócios em todos os segmentos que atua.

### **Valores**

- Cooperação;
- Moralidade;
- Transparência;
- Isonomia;
- Credibilidade;
- Comprometimento;
- Ética profissional;
- Respeito;
- Organização;
- Liderança;
- Relacionamento entre as pessoas.

Figura 9 Símbolo da COOPERJA



Fonte: Cooperja

## 5.1 HISTÓRIA

De acordo com relatos descritos pelo ex-pároco de Jacinto Machado Padre Herval Fontanella sobre antigos moradores, Dom Anselmo Pietrulla ex-bispo da Diocese de Tubarão, estimulava os colonos a melhorarem sua produção, promovendo vários encontros com técnicos. Mas foi com o Engenheiro Agrônomo da ACARESC, Joaquim Pedro Coelho, que a ideia de formação de uma cooperativa rural foi amplamente difundida. Dentre os fatores que culminaram a concretização da COOPERJA, a participação do Engenheiro Agrônomo Joaquim Pedro Coelho durante o processo foi de vital importância para a mesma.

Joaquim Pedro Coelho foi o primeiro agrônomo do município em 1966. Muito idealista, dedicou-se a fazer os colonos entenderem de que era preciso trabalhar com técnica. Seu grande sonho foi a cooperativa agropecuária. Iniciou com uma mentalização, congregando todas as classes para esse empreendimento. Custou convencer que a agricultura beneficiaria todos os setores. (Fontanella, 2011, p.20)

Figura 10 Engenheiro Agrônomo Joaquim Pedro Coelho



Fonte: Cooperja

Segundo o sócio fundador Remildo Sartor, para disseminar a ideia de formar uma cooperativa, o agrônomo mobilizou os agricultores fazendo visitas nas áreas rurais. Ninguém conhecia o que era uma cooperativa e os agricultores estavam receosos com a ideia. O senhor Otávio Zanatta acrescenta, “aquela época era difícil convencer o pessoal porque os rendimentos eram poucos. Mesmo com muitas dificuldades Joaquim reuniu 117 produtores de arroz de Jacinto Machado e Praia Grande, buscando solucionar seus problemas de armazenagem e secagem de arroz. Esses agricultores perceberam a necessidade de se unirem, para isso criaram uma cooperativa.

Cooperativa é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa com objetivos econômicos e sociais comuns a todos, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades. (GAWLAK, 2001, p. 28)

De acordo com dados da própria COOPERJA em 30 de agosto de 1969, através de uma Assembleia Geral, foi criada a Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado.

Figura11 Assembleia Geral de fundação da Cooperja.



Fonte: Cooperja, 2013

E, em 1970, com o pavilhão já construído, a cooperativa passou a dar os seus primeiros passos, iniciando o processo de beneficiamento de arroz, o qual era do tipo parboilizado, sendo comercializado em pequena escala.

Figura 12 Primeiro pavilhão da Cooperja



Fonte: Cooperja, 2013

Segundo o incra, (1978, p. 01), perante a Lei N.º 5764 de 16.12.1971 A Lei Cooperativista, “são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, constituída para prestar serviços aos associados”. O arroz

produzido na região de Jacinto Machado era comercializado por atravessadores que representavam interesses de donos de engenhos de arroz, já que os agricultores não tinham onde estocar a produção. Nessa época a cooperativa ainda tinha pouca influência na intermediação das vendas de arroz.

Uma cooperativa é uma associação entre pessoas que pretendem o atendimento de necessidades comuns. As necessidades, no geral, são basicamente econômicas: produção agropecuária ou industrial, comercialização de produtos, oferta de serviços, aquisição de bens, acesso a operações financeiras, crédito e outros. (RICCIARDI, 2000, p.62)

A economia de Jacinto Machado que já evoluía com dificuldades, foi abalada com uma grande enchente que se abateu sobre a região em 1974. A agricultura foi fortemente danificada assim como a recente construção da cooperativa foi parcialmente destruída. Por volta de 1978, a cooperativa passou por grave crise econômica, devido a problemas como excesso de insumos estocados que não eram comercializados e falta de espaço adequado para estocagem da produção do arroz dos sócios.

Em virtude dos problemas que a COOPERJA passou a enfrentar problemas, pois muitos sócios descreditaram a cooperativa. Então, passaram a depositar sua produção em engenhos particulares. Como resultado, a cooperativa que havia acumulado dívidas, culminou no afastamento de muitos associados. A produção de arroz ainda enfrentava um problema que era a infestação de erva daninha conhecida popularmente como “arroz vermelho” e não havia controle do inço, prejudicando assim a produção. Já em 1979 conforme relembra o associado Pedro Gabriel, um vendaval destruiu completamente o pavilhão da COOPERJA, sendo necessário reconstruir toda a estrutura.

Figura 13 Vendaval que atingiu a sede da Cooperja em 1979



Fonte: Cooperja, 2013

Até o ano de 1980 a COOPERJA não apresentou progressos, devido a uma série de fatores como: baixa produtividade de arroz na agricultura em virtude dos inços e pragas, a falta de conhecimento tecnológico, somado a falta de recursos a as intempéries naturais como o vendaval do ano anterior, que destruíra a maior parte da cooperativa.

A cooperativa não é um sonho nem uma proposta mágica - é uma empresa, como outra qualquer, em que pessoas se reúnem para produzir bens ou serviços com o propósito de receber a retribuição monetária pelo seu trabalho, tanto como reposição dos gastos, como remuneração pelo que realizaram concorrendo, ainda, ao rateio das “sobras”( o lucro, na linguagem das outras empresas). (RICCIARDI, 2000, p. 58.)

Em 1981, a situação da COOPERJA estava bastante delicada a credibilidade estava muito baixa, a sociedade preferia que a cooperativa fosse fechada. A solução para reestruturar a cooperativa seria buscar recursos no Banco do Brasil, mas número de associados havia se reduzido para apenas 30 sócios atuantes. O critério para que houvesse a liberação de recursos era que o número de sócios fosse de pelo menos 80. Então o presidente da cooperativa nessa época o senhor Ari Possamai Della, passou a visitar os agricultores para conseguir mais sócios, para atingir a meta estabelecida pelo banco.

Quando se trata de fundar uma cooperativa, a primeira coisa que se exige é o mínimo de estabilidade econômica, além de uma produção constante por parte dos associados, de forma a permitir continuidade dos negócios e atendimento no mercado. Por sua própria natureza, uma cooperativa exige muita competência administrativa, além de uma gestão moderna, de modo a atender o mercado. (ABRANTES in RECH, 2000, p. 87)

Essa estratégia teve êxito, pois conseguiram aumentar o número de sócios e assim a liberação dos recursos para a cooperativa. Nessa busca por maior número de associados fortaleceu-se, a organização, aumentou a cooperação e a ajuda mútua.

Uma cooperativa é uma associação autônoma de pessoas unidas voluntariamente para atender as suas necessidades e aspirações econômicas, sociais e culturais comuns através de um empreendimento de propriedade coletiva e de controle democrático. (MACPHERSON, 2003, p.22).

Outra dificuldade enfrentada pela COOPERJA foi, em relação ao armazenamento do arroz que, devido à falta de estrutura adequada acabava por comprometer a qualidade dos grãos. De acordo com o ex-presidente Ari Possamai Della “Os problemas de comunicação eram grandes, a cooperativa não tinha carro próprio. O meio de locomoção era uma antiga Brasília usada em convênio com a prefeitura. O telefone mais próximo ficava em Torres, no Rio Grande do Sul e era preciso se deslocar 65 km para fazer contato com o representante no Rio de Janeiro. Como consequência, a comercialização era pequena.”.

Segundo informações da cooperativa, a implantação de um sistema revolucionário de produtividade e qualidade começou a mudar o cenário de crise em meados da década de 1980. A mudança do cultivo do arroz sequeiro para o cultivo de arroz irrigado no sistema pré- geminado foi o impulso para a definitiva consolidação do sistema de produção de arroz em áreas alagadiças, denominado sistema pró-várzea. A produtividade aumentou significativamente passando de 40 sacos por hectare para a média de 150 sacas por hectare.

O arroz irrigado em Santa Catarina caracteriza-se como uma cultura típica de pequena propriedade rural com a utilização da mão-de-obra familiar. De maneira geral, os produtores catarinenses têm um razoável nível de conhecimento tecnológico, apresentando, porém, mais deficiências no manejo das plantas daninhas, pragas e doenças. (EPAGRI, 2005. p.17)

Com o aumento da produção do arroz, em 1983 a cooperativa deu início a modernização do processo de armazenamento e beneficiamento, foi um ano de grandes avanços. Nesse mesmo período lançou no mercado a marca Arroz Pinheirinho que, mais tarde, passaria a se chamar Arroz Caçarola. Em 1990 em Assembleia Geral Ordinária, foi eleito presidente o senhor Vanir Zanatta que permanece como presidente da COOPERJA até os dias de hoje por 23 anos consecutivos. A partir da nova gestão, a cooperativa tornou-se símbolo de credibilidade e sucesso, passando a contribuir de maneira significativa na economia.

A cooperativa é uma empresa de propriedade conjunta e de gestão democrática, o que quer significar que, qualquer que seja a modalidade ou sua natureza jurídica (sociedade ou associação), em sua gestão deve ser observada a dinâmica empresarial. Ademais, como o patrimônio é formado pelas entradas dos sócios e parte do capital que entra a título de benefícios e revertida para o coletivo, a propriedade da entidade está vinculada e pertence a todos os que são associados. (SILVA FILHO, 2001, p.52)

Figura 14 COOPERJA início de 1990



Fonte: Cooperja, 2013

A partir desse ano, o número de sócios passou a aumentar com isso a cooperativa ampliou sua estrutura para receber uma quantidade maior de arroz tornando-se a maior cooperativa em recebimento e beneficiamento de arroz em todo o estado de Santa Catarina. De acordo com Hartung, (1996, p. 06), “cooperado é o produtor rural, o trabalhador urbano ou outro profissional, de qualquer atividade socioeconômica, que se associa para participar ativamente de uma cooperativa, cumprindo com seus deveres e observando os seus direitos”. Já para Gawlak,

(2001, p. 65), “cooperado é ao mesmo tempo, dono, usuário, cliente e fornecedor da sua cooperativa”.

No início da década de 1990, a Cooperja passa a fornecer semente de arroz a seus cooperados e a receber maracujá de produtores da região. Com isso, a Cooperja expandiu sua área de atuação para o sul de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul e passa a ter significado econômico expressivo para a região. A partir de então, tem apresentado um ótimo crescimento, em 1999, a cooperativa rompeu a barreira das 500 mil sacas recebidas; em 2001, foram mais de um milhão, de lá para cá a COOPERJA vem quebrando seus próprios recordes em recebimento de arroz. (PARCEIRO-COOPERJA, Ano I, Nº3, 2003)

Em 2002, a COOPERJA inicia o recebimento de arroz, no município de Santo Antonio da Patrulha - RS, de associados que cultivavam arroz no Rio Grande do Sul. Ao fim da safra esse arroz era enviado para a matriz em Jacinto Machado-SC, onde era beneficiado e comercializado, fato esse que fez com que a COOPERJA passasse a liderar o recebimento de arroz entre todas as cooperativas agrícolas no Estado de Santa Catarina. Posteriormente foram feitos investimentos na filial de Santo Antonio da Patrulha - RS, construção de silos, ampliação do espaço físico e aquisição de equipamentos, com objetivo de armazenar, beneficiar e comercializar o arroz.

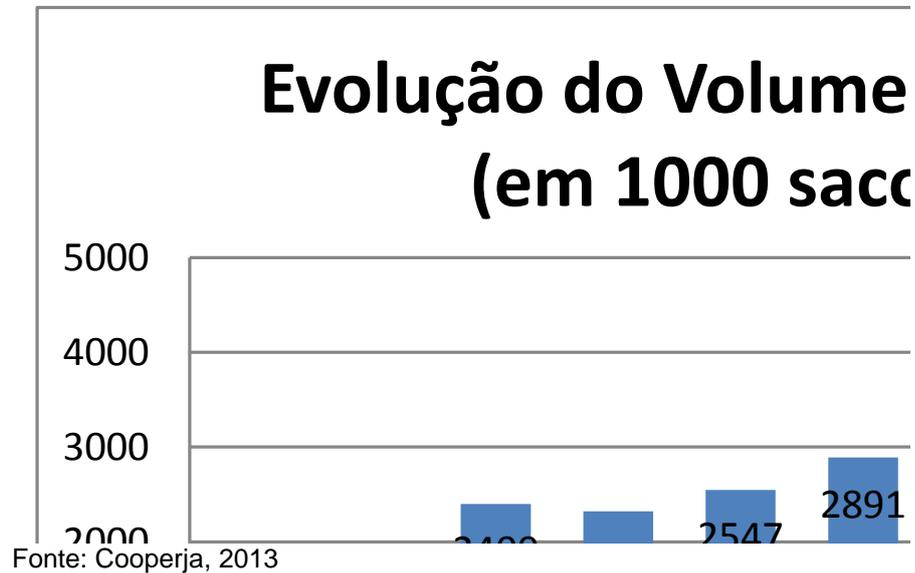
A partir de 2003, a Cooperja passa a ser sócia da indústria de fertilizantes da Fecoagro (Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado de Santa Catarina). O empreendimento tem como propósito importar a matéria-prima (fertilizantes), ter uma marca própria, (Fertilizantes Fecoagro) e distribuir às cooperativas filiadas, diminuindo os custos e eliminando o atravessador. A Cooperja também é sócia do espaço cooperativo Show Room, onde os produtos das cooperativas ficam permanentemente em exposição em Florianópolis. (PARCEIRO-COOPERJA, Ano I, Nº9, 2003)

No de 2006 a COOPERJA continua a ser a cooperativa que mais recebeu arroz em Santa Catarina. Podemos exemplificar da seguinte maneira: Mais de 10% do arroz catarinense, sai dos seus silos. (PARCEIRO-COOPERJA, Ano IV, Nº7, 2006)

Em 2009 a COOPERJA completou 40 anos da data de fundação, nesse mesmo ano tornou-se uma entre as 400 maiores empresas de agronegócios do país, e também ficou entre as 50 maiores empresas que cresceram em número de venda no Brasil. Esses resultados só foram possíveis devido ao recebimento recorde de sacas de arroz dos últimos anos. Na safra 2012, a COOPERJA recebeu o montante de 3.914.000 sacas de arroz, um crescimento de mais de 5% referente à safra de 2011. Isso mostra o forte investimento na ampliação da sua infraestrutura e no

auxílio ao produtor rural para o aumento de sua produtividade.

Gráfico 05 Recebimento de Arroz pela COOPERJA últimos 10 anos.



A população economicamente ativa de Jacinto Machado está em torno de 8600 pessoas. As atividades da COOPERJA geram 438 empregos diretos, desse total, perto de 350 residem em Jacinto Machado. A relação entre o número de empregos diretos gerados pela COOPERJA em Jacinto Machado e a população economicamente ativa do município é de 4,1%. Qualquer empresa que possua essa percentagem de empregos em um determinado município, contribui muito para a para o desenvolvimento econômico e social do mesmo.

Tabela 6 Distribuição de funcionários por setor.

Departamento ou Unidade de Negócio	Número de Unidades	Número de Funcionários
Setor de Produção	2	208
Supermercados	3	92
Lojas Agropecuárias	8	65
Venda de insumos	1	11
Administração Central	1	39
Posto de Gasolina	1	23
<b>TOTAL</b>		<b>438</b>

Fonte: Cooperja

## 5.2 SERVIÇOS

Entre os principais serviços disponibilizados aos associados, destacam-se o recebimento, armazenamento, beneficiamento e comercialização de arroz; venda de sementes, insumos, fertilizantes e defensivos agrícolas. O associado também tem a sua disposição um departamento técnico que oferece orientações sobre a rizicultura, referentes ao desenvolvimento do manejo, técnicas de produção e controle de pragas. Essa equipe técnica é formada por engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas.

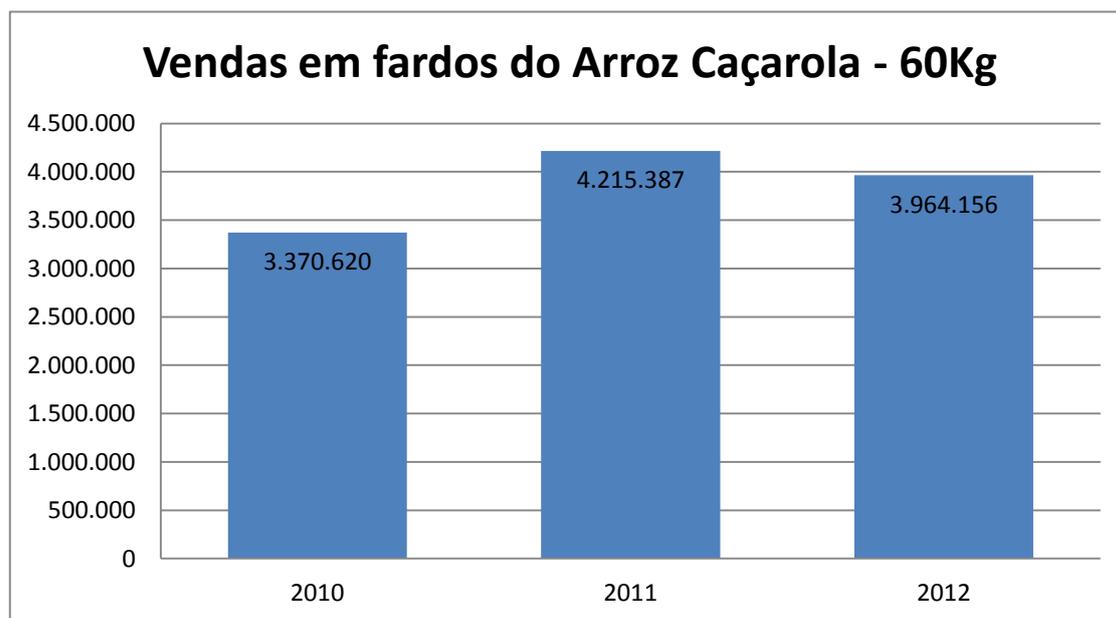
O produtor rural tem a opção de comprar suas sementes, fertilizantes, defensivos agrícolas e demais insumos na rede de lojas agropecuárias da COOPERJA, distribuídas nos municípios de Jacinto Machado, Praia Grande, Criciúma, Sombrio, Santa Rosa do Sul/SC e em RS, Morrinhos do Sul, Três Cachoeiras e Santo Antonio da Patrulha.

Além do suporte agrícola, a COOPERJA possui três supermercados, em Jacinto Machado, Praia Grande e Santa Rosa do Sul e um posto de combustível no centro da cidade de Jacinto Machado. As lojas agropecuárias, os supermercados e o posto de combustível, possuem sua venda aberta ao público geral, para os associados à COOPERJA que efetuem compras nesses estabelecimentos, lhes é dado um desconto de 5% na compra, além do recolhimento de uma porcentagem do valor da compra para a Conta Capital do Associado.

## 5.3 PRODUTOS

O carro chefe dos produtos COOPERJA é o arroz Caçarola (Branco e Parboilizado), que é distribuído para as regiões sul, sudeste e nordeste, além das exportações. A COOPERJA também produz e comercializa sementes de arroz, maracujá in natura, arroz integral, arroz orgânico, farinha de arroz e macarrão de arroz.

Gráfico 6 VENDAS DE ARROZ 2010/2011/2012



Fonte: Cooperja

Figura15 Arroz Branco



Fonte: Cooperja

Figura16 Arroz Parboilizado



Fonte: Cooperja

Figura 17 Sementes de arroz



Fonte: Cooperja

Figura 18 Maracujá in Natura



Fonte: Cooperja

Figura 19 Arroz Cateto Naturizi



Fonte: Cooperja

Figura 20 Arroz Naturizi Orgânico



Fonte: Cooperja

Figura 21 Farinha de Arroz



Fonte: Cooperja

Figura 22 Macarrão de arroz



Fonte: Cooperja

## 5.4 ESTRURA FÍSICA

### 5.4.1 Indústrias

A matriz da COOPERJA localiza-se na rua Dr. Joaquim Pedro Coelho, nº 03, Bairro Paraguai, CEP 88950-000, Jacinto Machado/SC. Conta com 18 silos para secagem do arroz a granel, equipamentos de polimento, seleção e embalagem do arroz. Possui uma capacidade total de armazenamento de 55 mil toneladas ou 1.100.000 sacas de arroz e uma produção média de 150 mil sacos/mês de arroz beneficiado, fardo de 60 Kg. A matriz é o segundo ponto de maior coleta e distribuição de arroz da COOPERJA. No município de Praia Grande/SC na Rodovia SC 483, S/N, a COOPERJA possui um entreposto de recebimento e armazenamento com capacidade de 470 mil sacos ou 23,5 mil toneladas de arroz a disposição dos

associados dessa localidade. O local não beneficia o arroz recebido, apenas armazena-o. Ao término da safra, por volta do fim de abril e começo de maio, a produção é enviada à matriz, para o processo de industrialização.

Figura23 COOPERJA Matriz



Fonte: Cooperja, 2013

Em 2004 a COOPERJA deu início a construção de uma indústria filial, para beneficiamento de arroz no município gaúcho de Santo Antônio da Patrulha. O objetivo dessa expansão era atender a um grande número de associados arrendatários nessa região. Em 2008 a obra foi concluída, dando a filial uma capacidade de armazenamento de 1.650.000 sacos ou 82,5 mil toneladas e uma produção média de 170 mil sacos/mês de arroz beneficiado, fardo de 60 Kg. A filial/RS é o maior ponto de coleta e distribuição de arroz da COOPERJA.

Figura14 Filial RS

Figura 24 Filial Santo Antonio Da Patrulha-RS



Fonte: Cooperja

#### **5.4.2 UBS- Unidade de Beneficiamento de Sementes**

A UBS - Unidade de Beneficiamento de Sementes COOPERJA, localizada no município de Jacinto Machado/SC, foi criada para oferecer sementes de alta qualidade, produzidas com expressiva tecnologia, para garantir grande rendimento industrial e qualidade do produto. UBS possui uma capacidade de armazenamento total de 75 mil sacas de sementes.

Para manter o padrão desejado, a cooperativa investe constantemente em pesquisas, orientação técnica especializada e insumos de qualidade para seus associados. Da mesma forma, possibilitou aos produtores catarinenses que se instalaram no Rio Grande do Sul, um amplo acompanhamento e suporte na técnica do sistema de plantio pré- geminado. Assim fez crescer a demanda por sementes de arroz irrigado das cultivares produzida pela COOPERJA.

#### **5.4.3 Supermercados**

O ano de 1992 foi marcado por altos índices de inflação, como o IGP-M que fechou o ano acumulado em 1.174,67% (FGV), atendo a um desejo dos associados, a COOPERJA inaugura seu primeiro supermercado, em Jacinto Machado, com objetivo de oferecer produtos com preços mais acessíveis a seus associados e a população de Jacinto Machado/SC. Em 1994 no município vizinho de Praia Grande/SC, o segundo supermercado foi inaugurado. De 2004 até 2008 não houve abertura de novos mercados, somente em 2009 no município de Santa Rosa do Sul, foi inaugurado um novo mercado, para atender a população local. Os associados que optam por efetuar suas compras nos supermercados COOPERJA, têm parte do valor das compras depositado em sua Conta Capital.

#### **5.4.4 Lojas agropecuárias**

Com o intuito de oferecer aos seus associados uma opção frente às grandes redes agropecuárias, a COOPERJA investiu em lojas agropecuárias, a fim de oferecer aos produtores rurais sementes, fertilizantes, defensivos agrícolas e demais insumos. A rede de lojas agropecuárias possui 8 lojas e abrange os

municípios de Jacinto Machado, Praia Grande, Criciúma, Sombrio, Santa Rosa do Sul/SC e em RS, Morrinhos do Sul, Três Cachoeiras e Santo Antonio da Patrulha. Todas as lojas disponibilizam a entrega dos produtos nas propriedades rurais dos associados, se assim optarem,

#### 5.4.5 Posto de combustível

No ano de 2012 a COOPERJA efetuou a compra de um posto de combustível localizado no Centro de Jacinto Machado/SC, o qual oferece 5% de desconto aos associados que nele abastecem seus veículos, além do depósito de parte da compra em sua Conta Capital. O associado também tem a sua disposição, a entrega de combustível diesel em sua propriedade (Transporte Revendedor Retalhista - TRR), além do recebimento do ICMS do mesmo.

#### 5.5 FATURAMENTO

Nos últimos anos a COOPERJA tem diversificado seu nicho de mercado. Primeiramente ela surgiu para atender a necessidade dos agricultores associados para com o armazenamento e venda de suas safras de arroz, o que hoje representa 65,7% do faturamento anual. Com o intuito de cada vez mais suprir as necessidades dos associados, seu ramo de mercado foi ampliado. Hoje, além da industrialização do arroz, as atividades que mais contribuem para o faturamento da COOPERJA são as lojas agropecuárias, supermercados e postos de gasolina.

Tabela 7 Faturamento por setor 2012

<b>Setor</b>	<b>Valor em R\$</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Indústria</b>	184.422.981,55	65,70%
<b>Agropecuárias</b>	55.636.458,36	19,82%
<b>Supermercados</b>	25.190.068,38	08,97%
<b>Posto de Combustível</b>	3.411.927,66	01,22%
<b>TRR</b>	6.378.385,38	02,27%
<b>Sementes Arroz</b>	4.547.279,50	01,62%
<b>Maracujá</b>	1.136.525,84	00,40%
<b>Total</b>	280.723.626,67	100,00%

Fonte: Cooperja, 2013

Um dos fatores mais importantes para verificar a contribuição da COOPERJA para a economia de Jacinto Machado é o seu faturamento. Além do fato de ano após ano esse número aumentar consideravelmente, suas atividades são responsáveis por 40% do ICMS (Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços) recolhido pelo município. A economia do município Jacinto Machado depende muito da produção agropecuária e da COOPERJA.

Tabela 8 Faturamento anual da Cooperja 2008-2012

<b>ANO</b>	<b>Valor em R\$</b>	<b>CRESCIMENTO</b>
<b>2008</b>	190.689.915,60	52,31%
<b>2009</b>	208.830.497,93	09,51%
<b>2010</b>	203.726.778,96	(-02,44%)
<b>2011</b>	227.923.485,36	11,88%
<b>2012</b>	280.723.626,67	23,17%

Fonte: Cooperja, 2013

## 5.6 EXPORTAÇÃO

Conforme informações da cooperativa, em 2008, a COOPERJA iniciou a exportação de arroz e em 2009 já se destacava neste novo mercado. O volume negociável de janeiro a outubro superou a 550 mil fardos de 30 kg, praticamente quatro vezes mais de tudo o que foi exportado no ano anterior.

Os países africanos são os principais destinos das exportações, todavia através de tradings, também o arroz é vendido a países de outros continentes. Com a restrição da oferta por parte de alguns países da Ásia, o Brasil conseguiu uma parte desse mercado. A COOPERJA por sua vez aproveitou esta grande oportunidade, consolidando a sua participação no mercado externo e conquistando definitivamente o paladar do consumidor internacional.

Tabela 9 Exportações X Vendas Mercado Interno (em fardos de 30kg)

<b>MERCADO</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
<b>MERCADO NACIONAL</b>	3.098.243	3.350.620	3.339.542	3.274.460
<b>EXPORTAÇÃO</b>	648.828	20.000	875.845	689.696
<b>TOTAL</b>	3.747.071	3.370.620	4.215.387	3.964.156

Fonte: Cooperja, 2013

Além de oportunidade de negócios, a intenção da cooperativa é diminuir a pressão interna da oferta de arroz, conseguindo dar mais sustentação aos preços pagos ao produtor rural.

## 5.7 AÇÕES SOCIAIS

Ao longo de sua trajetória a COOPERJA manteve a preocupação de estar integrada a ações sociais e projetos de melhoria de vida para seus associados, colaboradores e a comunidade em geral.

A COOPERJA realiza todos os anos, diversos cursos em parceria com o SEBRAE para seus associados. O curso de Qualidade Total Rural é um dos treinamentos com maior aceitação, em que o casal participa aprendendo conceitos para melhorar a qualidade da propriedade rural. Os associados passam da definição de pequenos agricultores para empresários rurais.

Além de cursos, a COOPERJA participa do FECOOP – Encontro do Cooperativismo Catarinense, sendo o maior encontro contubérnio, esportivo, cultural e associativista de Santa Catarina. Evento realizado a cada dois anos em uma cidade de Santa Catarina, que procura integrar as diferentes cooperativas do estado, estabelecendo uma relação.

Em 2003 a COOPERJA inseriu um Núcleo Avançado de Ensino Supletivo – NAES, onde 70 colaboradores obtiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e Médio. No mesmo ano a COOPERJA deu início a sua participação no EJACC (Encontro Estadual de Jovens Agricultores Catarinenses), evento que vem sendo realizado pela OCESC (Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina), juntamente com o apoio do SESCOOP (Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo). Esse encontro visa despertar nas cooperativas participantes ações que incitem os jovens a participação no processo cooperativista. Ainda em 2003, a COOPERJA também deu início a sua participação no Encontro Estadual de Mulheres Cooperativistas. Evento promovido pela OCESC e SESCOOP, com o objetivo de discutir temas ligados à participação da mulher no cooperativismo.

## 5.8 PRÊMIOS E DESTAQUES

No ano de 2002 a COOPERJA recebeu da Pastoral da Criança, o prêmio “Ser Social” como reconhecimento a ações sociais realizadas no município de Jacinto Machado/SC. Prêmio entregue por Zilda Arns.

Em 2008, recebeu o prêmio TOP BGA, da Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro.

Em 2010 foi eleita pela Revista Exame uma das 400 maiores empresas de agronegócios do país e, a 8ª Melhor empresa de grãos.

No mesmo ano a Revista Amanhã lançou uma edição especial com o ranking das maiores empresas instaladas no Sul do Brasil. A COOPERJA ficou na lista das grandes empresas brasileiras instaladas no Sul do Brasil entre todas as atividades, conquistando a 273ª colocação. Já entre as 100 empresas líderes do mercado catarinense, ficou na 57ª posição.

Pela Revista Globo Rural foi eleita uma das 500 maiores empresas do agronegócio brasileiro, ocupando a 286ª colocação em 2010. Comparado a 2009 a Cooperativa subiu 32 posições.

Em 2011 o Arroz Caçarola esteve no ranking das Marcas mais lembradas pelos supermercadistas do nordeste.

## 5.9 O ASSOCIADO

O número de associados da COOPERJA iniciou em 117 membros na sua data de fundação, em 2013 esse número chega a 1220, sendo que, desse total, 527 associados residem no município de Jacinto Machado e 693 residem nas cidades próximas. Um fator que contribuiu para esse crescimento foi à grande contribuição que a COOPERJA vem dando para o crescimento do município de Jacinto Machado/SC nos últimos anos.

Tabela 10 Estrutura agrária e número de associados até 2013.

Tamanho da propriedade / Número de sócios	
Até 10 hectares	305
De 10 a 50 hectares	732
De 50 a 100 hectares	122
Mais de 100 hectares	61
TOTAL	1220

Fonte: Cooperja, 2013

Dos 1220 associados, 85% são pequenos e médios produtores, conforme estruturação Catarinense, a qual caracterizada pela pequena e média propriedade. Dos associados restantes, 10% possuem propriedades acima de 50 hectares e 5% propriedades acima de 100 hectares.

## 5.10 METAS PARA 2013

Em 2012, a COOPERJA traçou metas para serem alcançadas ao longo de 2013, com objetivo de crescimento e expansão dos serviços disponibilizados aos associados. As metas definidas pela COOPERJA para o ano de 2013 são:

- Alcançar o faturamento anual de R\$320.000.000,00
- Beneficiar 4,5 milhões fardos de Arroz;
- Criação do projeto para a nova indústria de Jacinto Machado/SC;
- Iniciar a comercialização do arroz parboilizado integral;
- Ampliação da Unidade Beneficiamento de Sementes em Jacinto Machado/SC;
- Iniciar a produção do Arroz Caçarola Branco na filial de Santo Antonio da Patrulha/RS;
- Abertura de um posto de combustível em Praia Grande/SC.
- Abertura de um Transporte Revendedor Retalhista no município de Santo Antonio da Patrulha/RS, para atender os associados dessa região;
- Visitas Periódicas as filiais;

## **6 DEPOIMENTO DOS ASSOCIADOS**

Este capítulo analisa os depoimentos de ex-presidentes, associados fundadores da COOPERJA, assim como os associados atuais, sendo que tais depoimentos permitirão uma análise sobre o cooperativismo e sobre a participação da COOPERJA no desenvolvimento econômico do município de Jacinto Machado.

Foram entrevistados quatro ex-presidentes, onze associados fundadores, e oito associados atuais. Sendo esses, questionados de como eles vivenciaram a formação da COOPERJA e o que a mesma representou e/ou representa para os mesmos. As entrevistas foram realizadas nas propriedades rurais dos entrevistados. Os associados foram questionados sobre a importância da mudança do sistema de plantio do arroz sequeiros para o sistema irrigado, e qual o papel da cooperativa nesse processo, assim como quais mudanças o pró- várzea e a COOPERJA promoveram em suas vidas. Os entrevistados não detinham de desenvoltura para

comentar sobre tópicos relacionados ao trabalho e vida financeira, pelo fato talvez de não conhecerem o entrevistador e também pela típica desconfiança de quem vive no interior. Sendo assim, as entrevistas seguiram muito mais um tom de conversa, do que de entrevista propriamente dita.

## 6.1 MEMÓRIA DOS EX-PRESIDENTES

Os relatos que serão descritos a seguir são memórias de ex-presidentes que relembram a história da COOPERJA desde sua fundação com suas inúmeras dificuldades até os dias atuais.

O primeiro presidente da COOPERJA foi **Lédio Bozzelo**, ele esteve à frente da cooperativa durante seis anos e é seu filho José Bozzelo que relembra um pouco de como foi este período. Eu era criança, mas lembro do pessimismo de muitos associados no início. Meu pai foi um lutador ficava até tarde trabalhando e eu saía do colégio e precisava esperar por ele. Sempre trabalhou de forma correta, fazia questão de ter sempre junto um contador. Lembro-me de uma viagem que meu pai fez para a serra. Como era muito econômico foi visitar pessoalmente todas as madeiras para encontrar o preço mais barato para comprar. Inclusive levou um carpinteiro para analisar a mercadoria. O objetivo era encontrar madeira para reconstruir a cooperativa quando foi atingida pelo vendaval. Naquela época caiu parte da COOPERJA e por azar, o fusca do meu pai foi atingido. Era com esse mesmo fusca que ele costumava ir até Torres, para telefonar para as empresas e fazer os pedidos de insumos. Somente em Torres existia telefone. Antigamente era tudo mais difícil, mas mesmo naquele tempo a administração estava preocupada com o progresso e a evolução da cooperativa. Uma vez foram até Ijuí no Rio Grande do Sul comprar um nível e uma taipadeira (aparelhos de alta tecnologia na época). Eles queriam beneficiar o colono, aprimorar os métodos de plantio e produção. Por costumava-se colher o arroz com uma foicinha de mão, na região só existia uma trilhadeira e o serviço era totalmente braçal. Depois surgiu a primeira ceifadeira que colhia, mas precisava de duas ou três dentro para ajudar a ensacar. Eram tempos difíceis, o Vanir está de parabéns por ter visão de futuro e por sua competência. Tenho certeza que se meu pai tivesse vivo, seria muito feliz, por ver a cooperativa do jeito que está.

Sabe-se que a cooperação entre os homens, no sentido lato, vem sendo praticada e incentivada desde tempos remotos. Karl Marx definiu as antigas sociedades como tendo praticado o comunismo primitivo, em que prevalecia a igualdade totalitária. (ABRANTES 2004, p.65, 2004.

**Luiz Pícollo** foi o terceiro presidente da COOPERJA, ficou no cargo de 1978 a 1981. “Fui presidente da COOPERJA por três anos, quem me convidou para participar da presidência foi o Lédio Bozzelo e na assembleia geral venci a votação. Na época eu não tinha experiência nenhuma em administração, pois trabalhei durante muito tempo como pedreiro. Até ajudei na reconstrução da cooperativa depois do vendaval. Passei a ser sócio no lugar de meu pai. Foi então que comecei a trabalhar na agricultura. Quando assumi, a COOPERJA passava por um momento bem delicado. O vendaval havia destruído tudo e a maioria dos sócios saíram, além disso, recebíamos pouco arroz e era a loja que defendia as despesas. Enfim, não tínhamos muitos recursos, mas mesmo assim realizamos algumas modernidades como a reforma dos fornos e o reaproveitamento da casca de arroz para substituir a lenha. Com o pró-várzea as coisas foram melhorando, afinal, sem produção é impossível tocar os negócios. Com o sistema antigo havia muito arroz vermelho e isso diminuía ainda mais a produção. Depois de três anos saí da presidência, pois achei melhor dar a oportunidade para outras pessoas também ajudar. Continuei sócio e sempre participando das atividades da cooperativa, dos comitês e conselhos. Acredito que tive minha parcela de contribuição. Essa foi uma passagem na minha vida, que jamais esquecerei. Posso não ter feito muito, mas é um orgulho muito grande, ver que ela cresceu e hoje tenha se transformado na empresa do município. Espero poder continuar contribuindo e colaborando de alguma forma. Eu sou cooperativista!!!

O ex-presidente **Ari Possamai Della** relatou: “Antes de assumir a presidência da COOPERJA eu tinha estufa de fumo e o INCRA nessa época era o responsável pelas cooperativas, constatou que era necessário alguns sócios a mais para manter o funcionamento, exigiu que eu assumisse como presidente, para tentar mudar a situação em que a cooperativa se encontrava. Depois de muita conversa, participei da Assembleia Geral que no momento contava com 35 associados atuantes, devido a esse pequeno número de sócios o Banco do Brasil não queria liberar crédito para a cooperativa. Para que isso acontecesse precisávamos

conseguir 80 novos sócios. De acordo com (SCHNEIDER, 1991, p.344), não se pode contestar a participação estatal no desenvolvimento do cooperativismo, procurando disciplinar o seu funcionamento, como, aliás, de qualquer outra empresa.

Fomos à casa dos produtores convidando-os para se associarem na COOPERJA, e assim conseguimos atingir o número de cooperados exigidos pelo Banco do Brasil e então tivemos a liberação do dinheiro. Reerguemos a cooperativa, mesmo com muitas dificuldades. Na época mesmo sendo presidente, eu fazia serviços como trocar água dos tanques e tudo o que fosse necessário. Valeu a pena tanto esforço, por que vemos no que ela se tornou e a importância que ela representa para o município de Jacinto Machado.

O senhor **Desidério Bozzelo** também foi presidente da COOPERJA, mas já é falecido e quem conta sua história enquanto presidente da cooperativa é seu filho Claudionor S. Buzzelo, “Com certeza era uma época bem diferente de hoje. Tudo era mais difícil, mas fez uma administração muito honesta, tanto que o pessoal queria que ele continuasse. Ele preferiu sair da presidência, principalmente porque tinha pouco estudo. Mesmo assim continuou participando dos Comitês Educativos. A cooperativa para ele era como se fosse uma família. Ele dava a vida pela COOPERJA, sempre exigiu dos filhos que comprassem nos supermercados e lojas da cooperativa. Durante o tempo em que foi presidente trabalhou muito, deixou o serviço do campo sob-responsabilidade dos filhos e apenas gerenciava suas ações. Enquanto isso trabalhava dia e noite na cooperativa. Como na época da sacaria tinha trabalho por turno, à noite passava para pegar os funcionários e levar para o serviço, com uma saveiro vermelha, único carro que a cooperativa tinha nessa época. Além disso ajudou a construir o silo de Praia Grande.

Antes mesmo de ser presidente, já era um grande defensor da COOPERJA. Logo após o segundo vendaval, quando foi feita uma reunião para decidir se a cooperativa seria vendida para outra empresa da região, ele foi contra.

## 6.2 DEPOIMENTOS SÓCIOS FUNDADORES

Os depoimentos descritos a seguir são de sócios fundadores, ou seja, de empreendedores que acreditaram que em meio às adversidades juntos poderiam ser mais fortes.

Quando questionado sobre suas lembranças de como se deu a formação

da COOPERJA o senhor **Manoel Savi**, relata que “primeiro foi organizada uma associação rural, onde cada um doou um pouco de dinheiro para montar uma loja de ferramenta braçal e remédios para criação”. Depois o engenheiro Joaquim Pedro Coelho incentivou os associados para a construção de uma cooperativa. Foi comprado o terreno e depois iniciou a construção. No começo era muito difícil para todos os agricultores. Quando estava tudo encaminhado aconteceu um vendaval, que destruiu praticamente tudo. Nessa época alguns associados saíram. Aqueles que ficaram tiveram que contribuir com mais dinheiro e aos poucos a cooperativa foi reconstruída. Hoje não dá nem pra falar no que se transformou a COOPERJA. É algo que nos beneficiou e beneficia até hoje nossos filhos e toda a comunidade.

O senhor **Giusepe Bada**, sócio fundador da COOPERJA diz: sempre tive contato com o Engenheiro Agrônomo Joaquim Pedro Coelho. Ele costumava ir à minha propriedade para conversarmos sobre o bananal e outros assuntos ligados a agricultura. Ele acabou me convidando para iniciar a cooperativa. Primeiro foi feita uma assembleia e escolhido uma pessoa de cada comunidade, que ficaria responsável para trazer mais pessoas interessadas. Eu fui o representante de Morro da Queimada e na reunião que fizemos lá, mais ou menos 30 famílias participaram, onde nem todas se interessaram por fundar a cooperativa. O próximo passo foi participar de uma viagem, com mais 40 agricultores, para o Rio Grande do Sul, para conhecermos como era desenvolvido o trabalho lá. No meu caso aceitei ser sócio, pois tinha um bananal e queria reforçá-lo. Teve uma época em que, arrendei uma terra na Timbopeba (São João do Sul – SC) para plantar arroz, mas quando terminamos de arrumar a terra, começou a seca. Trabalhamos muito para não perder a lavoura e no final conseguimos colher mais do que o de costume. O problema é que o dono da terra não quis arrendar e tivemos que parar. Como a cooperativa dava mais atenção e incentivo para os produtores de arroz e milho continuei sócio, mas sem muito envolvimento já que plantava banana e um pouco de fumo. De qualquer forma, sempre acreditei que todas as pessoas devem se envolver com alguma associação, com o sindicalismo, ou com o cooperativismo. Por que a união faz a força.

Já o senhor **Manoel Savi** diz: “Lembro-me que primeiro foi organizada uma associação rural, onde cada um doou um pouco de dinheiro para montar uma loja de ferramenta braçal e remédios para a criação. Depois o engenheiro Joaquim Pedro Coelho incentivou os associados para a construção de uma cooperativa. Foi

comprado o terreno e depois iniciou a construção. No começo era muito difícil para todos os agricultores. Depois de um forte vendaval que destruiu a cooperativa muitos agricultores saíram. Aqueles que ficaram tiveram de contribuir com mais dinheiro. Aos poucos a cooperativa foi reconstruída. Sempre trabalhei com minha família e hoje um dos meus filhos assumiu a administração da terras. Não dá nem pra falar no que se transformou a COOPERJA. É algo que nos beneficiou e beneficia até hoje nossos filhos e toda a comunidade”.

O senhor **Otávio Tuon** em seu depoimento relata que “o doutor Joaquim Pedro Coelho formou uma comissão, que funcionou bem pouco, já que as pessoas não tinham muita experiência. Então foram em busca de engenhos melhor organizados, perceberam que era preciso ainda mais modernidade. Além disso, conversando com pessoas da área viram que era importante contratar um contador. Foi decidido construir um galpão que mais tarde um vendaval destruiu. A sorte que na ocasião havia pouco arroz no galpão, por isso foram mais estragos materiais em relação a estrutura física. A cooperativa foi reconstruída, daí aconteceram problemas administrativos. Mesmo assim sempre acreditamos que unidos somos melhores. Por isso que nunca pensei em sair da COOPERJA. Essa cooperativa é um orgulho para todos nós, é a empresa mais forte do sul e a cada ano recebemos mais arroz”.

O senhor **Anselmo J. da Silva** diz: “eu trabalhava com o meu irmão Manoel Julio da Silva Neto e ajudamos a fundar a cooperativa. Lembro que antes de construir a cooperja, fizemos uma viagem para o Rio Grande do Sul com outros produtores para conhecer o sistema pró-várzea em Cachoeirinha. Até fizeram um sorteio e eu fui premiado. Batemos uma Figuratodos juntos no morro Santa Tereza. Quem nos levou foi o agrônomo Joaquim Pedro Coelho. Logo em seguida aconteceu uma reunião aonde a COOPERJA foi realmente fundada. Nós sócios assinamos os papéis para comprar um hectare, onde hoje está instalada a indústria de Jacinto Machado. Financiamos a obra, mas com o vendaval tivemos que reconstruí-la. Foi bem difícil até por que os sócios saíram e tivemos que arcar com o custo ainda maior. A cooperativa passou por sérias dificuldades, primeiro com estrutura física, depois financeiramente, mas nós nunca desistimos. Naquela época, para a agricultura, tudo era mais difícil, nem todo mundo tinha trator, o serviço era braçal. O Joaquim Pedro Coelho fez as primeiras experiências com o sistema pró-várzea em nível nas nossas terras e nas terras da família Cibien. Depois o Clair, que também era agrônomo fez da forma como plantamos hoje. Fomos corajosos, muita

gente ia lá na propriedade para acompanhar o trabalho e ver o resultado. O tempo passou e a cooperja está bem grande, mas o importante é a gente ver o que estão fazendo por ela. A administração do Vanir é muito boa, ele tem muita garra. É um orgulho ter participado do começo e hoje ver a empresa crescer deste jeito”.

O sócio fundador **Pedro Gabriel**, também relembra a história do início da cooperativa: “Na época eu plantava fumo e banana e o falecido Lino Zanatta e o Irio Tramontim me procuraram, para convidar para fazer parte da cooperativa como fundador. Apesar de não ser envolvido com arroz, aceitei. Lembro que o engenheiro Joaquim Pedro Coelho era um homem bom, trabalhou firme e ajudou muito a cooperja. Depois que aconteceu o vendaval tivemos que pagar mais dinheiro para reerguer a cooperativa. Na época foi complicado, mas valeu apenas, pois hoje ela está aí, servindo todo mundo. Aliás, se ela não existisse, eu não sei como seria. Com o tempo comecei a plantar arroz, faz 35 anos que planto e depois que mudei o cultivo a cooperja foi minha parceira ainda mais. Nunca pensei em sair da sociedade, até hoje participo dos eventos quando são realizados aqui na nossa região. Ser sócio é muito bom, quando precisamos a cooperativa nos ajuda. Ela nos auxilia para fazermos bons negócios.”

Em seu depoimento o sócio fundador **Raul Daniel** também relembra um pouco de como o início da COOPERJA: “Eu já conhecia boa parte dos produtores que queriam se associar e também conhecia o engenheiro Joaquim P. Coelho que me incentivou a participar da fundação da COOPERJA. Aceitei, até por que sempre acreditei nesse ideal. Com o vendaval, foi necessário reconstruir a cooperativa. Um grupo esteve em minha casa e conversamos a respeito. Por uma questão financeira não pude continuar sócio e a forma que encontrei de apoiá-los, foi não retirando meu capital na saída e continuando a comprar na cooperativa. Sempre apoiei e sempre vou continuar apoiando a cooperativa. Hoje os meus três filhos são sócios, o arroz é depositado na cooperativa. Sabemos que o cooperativismo é uma coisa boa que sempre vão lutar pelo melhor preço para o agricultor. Por isso é necessário ter uma equipe honesta que se preocupe com o associado. Na verdade o agricultor vai bem quando sabe administrar a sua propriedade, e é a mesma coisa com a cooperativa. A COOPERJA começou devagar, hoje está grande e crescendo cada vez mais. Ela está em boas mãos”.

**Simão L.Daros** relatou que “a pessoa que mais incentivou a construção da cooperativa foi o Dr. Joaquim Pedro Coelho. Ele era uma ótima pessoa, muito

trabalhador. Inclusive faleceu trabalhando, dentro da cooperativa. Depois veio o Dr. Valdir que também contribuiu para o crescimento da COOPERJA. Para a construção tivemos que fazer um financiamento e depois do primeiro vendaval que destruiu tudo, fizemos mais um financiamento. Naquela época tudo era complicado. Éramos explorados, lutávamos contra a concorrência dos engenhos particulares que ditavam o preço que queriam; era difícil encontrarmos transporte e a produção era pequena. Por muito também tivemos dificuldades administrativas, mas hoje isso não acontece mais. A COOPERJA é bem administrada e eu, mesmo não sendo mais sócio não deixo de fazer negócios na cooperativa. Sempre compro no mercado e na agropecuária. Penso até em voltar a ser sócio, ou associar um de meus filhos.”

**José Mário Damiani** relata que o início da cooperativa foi um período bem difícil, a crise era grande e o investimento muito alto. Infelizmente depois de encaminhada ela caiu com um vendaval. Uma parte dos associados queria vender e muitos acabaram saindo. Quem realmente fundou, o engenheiro Joaquim Pedro Coelho, e a cooperativa ficou na mão de pessoas com pouca experiência com o comércio. Assim as dificuldades aumentaram. Para piorar não havia muitos técnicos e agrônomos para auxiliar os agricultores. Hoje a situação é outra, a COOPERJA cresceu, tornou-se uma grande empresa. Acho bom ela existir, sou fã e crítico da cooperativa ela é muito importante para os pequenos produtores. Mas penso que é bom ter silo em casa, isso garante a nossa liberdade de negociação. Com a chegada do Vanir a COOPERJA só cresceu. “A sociedade é composta de pessoas com as mais variadas formações, culturas e experiências, vivendo de forma interligada, onde todos dependem de todos.” (ABRANTES, 2004, p. 33)

**Ascendino Fontana**, antigamente era tudo no boi, no seco e sem máquina. Depois veio as taipas e assim trabalhávamos. Daí veio o Dr. Joaquim Pedro Coelho e explicou o que deveríamos fazer para colher mais e aproveitar melhor as terras. Foi aí que decidimos formar a cooperativa. A primeira vez foi mais fácil, já a segunda depois do vendaval foi bem mais difícil. Mesmo assim, tudo melhorou com a cooperativa, principalmente com venda de arroz. Antes fazíamos negócios e as vezes a gente perdia dinheiro, a COOPERJA também nos ajuda nesse sentido. Se tem alguém que fala alguma coisa de ruim da cooperativa não é verdade. A COOPERJA é muito boa e importante para os agricultores desde que começou.

**Claudino Paganini** diz: “sempre plantei arroz e há 44 anos atrás fui

convidado para ser um dos fundadores. Tinha uma equipe dedicada para começar a cooperativa, como o Joaquim Pedro Coelho, Valdir e a Zulma Zanatta. Eles vinham no Tenente para dar assistência aos agricultores, as vezes até almoçavam por aqui. Eram pessoas muito boas. Assim fundamos a COOPERJA que um tempo depois foi destruída pelo vendaval. Reconstruímos e mais uma vez os ventos a atingiram. Nesse momento não pude continuar, apesar da insistência do Irio Tramontim. Naquela época o arroz era cortado com foicinha e a braço. A cooperativa veio para ajudar todo mundo. Hoje tenho dois filhos que são sócios e o outro mesmo não sendo, deposita arroz na COOPERJA. “Uma cooperativa é uma associação entre pessoas que pretendem o atendimento de necessidades comuns.” (RICCIARDI, 2000, p.62).

### 6.3 DEPOIMENTOS DOS ASSOCIADOS ATUAIS

Para investigar a temática da COOPERJA como fator de desenvolvimento social e econômico do município de Jacinto Machado deve-se analisar a rizicultura a qual esteve, ou seja, ainda fortemente vinculada ao desenvolvimento da cooperativa e ao desenvolvimento socioeconômico do município de Jacinto Machado, já que o arroz é o produto principal da cooperativa. Assim, oito associados atuais foram questionados sobre a importância da mudança do sistema de plantio arroz sequeiros para o sistema irrigado, e qual o papel da cooperativa nesse processo, assim como quais mudanças o pró- várzea e a COOPERJA promoveram em suas vidas.

Um fator que prejudicou um maior número de associados foi período em que as entrevistas foram realizadas. Por se tratar do fim da safra do arroz, muitos associados optaram por não participar do questionário pelo fato de terem grande quantidade de trabalho em suas propriedades. Sendo assim, optou-se por entrevistar vizinhos da comunidade local, facilitando a realização da pesquisa, pelo fato do entrevistador conhecer o entrevistado.

Na sequência serão descritos alguns relatos de associados a respeito da importância que a cooperativa representa em suas vidas relacionando-a ao aumento da produção do arroz desde a mudança do sistema sequeiro para o irrigado.

Foram também entrevistadas algumas três associadas, já que houve um crescimento significativo da participação feminina no quadro de associados. A COOPERJA já vem de longa data incentivando a participação feminina no

cooperativismo, tanto que desenvolve atividades envolvendo as agricultoras.

Quando questionada sobre a importância da COOPERJA, a sócia Marilda B. Damiani define como sendo uma família. Marilda já fez parte do Comitê Educativo e, por isso, gosta de participar de cursos e encontros promovidos pela Cooperja.

Um avanço importante, foi a mudança de status das mulheres que, na maioria das cooperativas, passaram de esposas de cooperados para cooperadas com plenos direitos. E de acordo com TEMP, sendo uma cooperada, ela pode votar e ser votada, discutir idéias e acatá-las ou rejeitá-las, enfim, participar ativamente como sócia, fortalecendo cada vez mais a cooperativa. (TEMP, 2004, p.67).

A sócia Elisete B. Paganini diz: “para mim a Cooperja é uma instituição que trabalha em função dos agricultores para que estes tenham uma melhor qualidade de vida, ela preocupa-se com o sócio”.

Para a sócia Liege D. Rodrigues a COOPERJA tem trabalhando em benefício dos agricultores, e que, sempre que é convidada, gosta muito de participar, seja de reuniões, encontros, cursos ou assembleias. Para ela “a integração tanto de homens quanto mulheres no cooperativismo abriu possibilidades de crescimento. O esforço deve ser coletivo para o bem comum.” Quando questionada a respeito do cooperativismo a sócia declarou que o cooperativismo é muito importante: “ele é a união de todos os cooperativistas.”

Já para a sócia Elisete, “o cooperativismo é uma opção de vida, uma necessidade para podermos sobreviver neste mundo de impasses econômicos em que vivemos”. Elisete participa do CooperJovem, um programa cooperativo voltado para a juventude sendo esse, um dos motivos que a levou a associar-se, pelo conhecimento da importância do cooperativismo.

Já Vanderlei Daniel é um sócio convicto de que a união é que faz a força: “a Cooperja é uma grande família unida, uma empresa onde o associado tem direito, mas também deveres”. Por isso é importante que os associados e associadas participem sempre das assembleias e reuniões convocadas pela cooperativa e quando houver dúvidas poderão “esclarecê-las”. Por isso não basta associar-se, tem de haver integração ao grupo ativamente.

Salienta-se que o sócio fiel à cooperativa deve ter todos os benefícios e o que não seguir essa regra deve ter um tratamento adequado, com sanções e benefícios reduzidos, exatamente para que se possam igualar os sócios e para que todos sejam excelentes cooperados no processo cooperativista. (PERIUS, 2001, p. 46)

Para Vanderlei a participação do sócio na cooperativa é de fundamental importância, pois a função do agricultor não é apenas produzir, ele tem que ir, além disso. No cooperativismo existe a troca de ideias, de experiências, (novas técnicas de manejo, produtos e opções de comercialização, benefícios na compra de insumos), e união de pessoas que se ajudam mutuamente. De acordo com Riciardi, (2000, p. 68) a empresa cooperativa só tende a crescer se os cooperados participarem, verdadeiramente e de forma plena, de todos os seus momentos e atividades.

Segundo relatos do agricultor Arnaldo Giusti, ele se lembra das dificuldades que passou época em que plantava arroz sequeiro “minha terra era tomada do inço de arroz vermelho, o arroz que eu colhia não dava pra nada.” Como ele já havia visto fazer em Turvo e resolveu tentar também. Resolveu então tentar plantar o arroz com outra técnica, a do pró-várzea. Seu Arnaldo falou sobre as críticas que sofreu quando começou a preparar o terreno, “diziam que eu tava ficando louco, porque meti o trator na terra, fui botando água”, depois que ele semeou o arroz e até quando começou a encher os grãos a expectativa dos vizinhos era grande. Com satisfação seu Arnaldo conta que “quando o grão já tava cheio vieram uma turma ver o arroz, e diziam que não acreditavam no que estavam vendo.” O resultado da produção de seu Arnaldo levou muitos agricultores de Tenente que no ano seguinte, passaram a aderir a técnica do pró-várzea. Motivados pelo desejo e necessidade de produzir mais passaram a ocupar um espaço maior em seus terrenos deixando para um segundo plano as culturas que apresentavam menor rentabilidade cedendo lugar à cultura do arroz.

O agricultor José Mario Damiani em seu depoimento conta que por volta do início da década de oitenta, ele já ouvia falar de uma nova técnica de plantio que produzia muito mais do que o arroz sequeiro. “a gente ouvia dizer que se plantasse o arroz na água, a produção era maior, então diziam que no Turvo e em outros lugares tinha gente fazendo esse cultivo.”

A principio seu José não tinha muito confiança, e foi até Massaranduba onde já havia agricultores produzindo e gostou do que viu. Preparou parte do terreno e plantou, “no início a gente preparou pouca terra, mas quando começou a produzir aquilo tudo, se preparava tanta terra quanto se podia para plantar ainda mais.” A rizicultura passou a gerar um excedente que se transformou em mais riquezas, de

acordo com Silva (2003) aumentando a produtividade do trabalho, propícia a formação de um lucro extraordinário para o capital individual.

Seu José fala que “no início era tudo muito difícil porque ninguém sabia exatamente os procedimentos corretos de plantio e manejo, mas a produção era animadora, e isso motivava o agricultor a aumentar a área de plantio”.

Quando seu Haroldo Rodrigues soube da nova técnica do plantio ficou um tanto desconfiado “achei que ia estragar o arroz botando brotar e jogar dentro d’água.” Ele relembra que depois que viu o resultado em outros terrenos, também aderiu ao novo sistema de plantio. “Lembro que todos queriam preparar o terreno para plantarem o arroz pré- germinado, foi uma renovação na agricultura eu acho que foi a salvação.”

Seu Darcísio Damiani relata que também ouviu falar que havia uma técnica que facilitava e aumentava a produção de arroz, mas tinha desconfiança, “onde já se viu plantar arroz na água, tavam ficando louco.” Ele conta que havia insegurança dos agricultores em relação a essa nova técnica que iria transformar a vida na região. Seu Darcísio continua dizendo “quando soube que tinha agricultor colhendo bem o arroz irrigado, fui lá pra ver e o terreno produziu três vezes mais do que era costumado dar.” Ele animou-se com o que viu, então, resolveu fazer no seu terreno também. Um técnico da ACARESC (atual EPAGRI) veio dar assistência. “eu não sabia quase nada, o difícil era controlar os bichos e as ervas daninhas que apareciam.”

Questionado sobre mecanismos utilizados para trabalhar com a nova técnica, seu Darcísio conta que já tinha o trator “eu tinha pouco equipamento porque o arroz sequeiro não exigia muito maquinário, eu usava a grade pequena pra preparar a terra, mais uma prancha de madeira pra alisar um pouco o lado e só, não se tinha mais nada.”

Percebe-se através desse depoimento que eram poucos os equipamentos para o agricultor trabalhar em sua propriedade. O plantio do arroz no sistema irrigado era uma técnica nova para a região e não se tinha tecnologia nem conhecimento apropriados para esse novo modo de produzir arroz. Seu Darcísio ainda complementa: “era tudo muito trabalhoso, agente não sabia fazer direito, depois é que veio a agronomia pra ajudar medir e preparar o terreno, mas como planta e cuida da lavoura ele sabia pouco. Não se tinha dinheiro pra nada, porque o que se colhia com arroz sequeiro dava só pra comer nossa sorte é que se criava de

tudo. Então agente ia ao Banco e pagava dinheiro a juro, mas era juro muito alto e se trabalhava só pro Banco. Muitas vezes não se consegui tirar o custeio”.

Ao ser questionado sobre o advento do arroz irrigado seu José conta que tudo passou a melhorar. “Pude comprar um trator só para mim, mas o juro do Banco do Brasil era variável e os implementos e máquinas saiam muito caro”. Ele diz: “financiei um trator que me saiu mais de seis mil sacos de arroz pra pagar, tive que rolar a dívida por vários anos pra não perder a máquina.” Seu José ainda declarou que com o passar dos anos foi adquirido prática no manejo do arroz, “sempre me interessei em aprender a lidar com essa cultura e sempre que tinha palestra eu ia porque assim ficava informado.” Conta ele, que a produção aumentou bastante e com isso ele pode investir mais na própria lavoura e em máquinas novas e implementos modernos. “Com o maquinário novo ficou mais fácil plantar, em menos gente, invés de pegar peão a gente mesmo fez com um pouco mais de trabalho e o que sobra, é só da gente”. Ele ainda declarou que além das máquinas, adquiriu mais terras de arroz, aumentando assim seu patrimônio, melhorando também a qualidade de vida da família. Segundo Guanziolo, (2001, p. 20), o trator substituiu o cavalo, os fertilizantes químicos, a matéria orgânica, as ferramentas e equipamentos se sofisticaram e diversificaram.

Em relação aos equipamentos utilizados, conta seu Haroldo que realizava o trabalho com um trator pequeno, um arado para lavrar a terra, uma grade e uma prancha para alisar o lodo. “O lodo era preparado para o plantio do arroz, mas ficava uma coisa esquisita, e mesmo passando a prancha não ficava bem parelho”, comenta seu Haroldo, “não se sabia muito como se fazer e se ia aprendendo na medida que se ia fazendo”. Ele completa dizendo que durante o período de preparo do terreno, ele já deixava o arroz germinado no tanque para ser semeado em seguida.

Seu Haroldo ainda relata que “quando se terminava de preparar o terreno, se colocava o arroz germinado dentro de um balde de zinco, segurando com uma das mãos e com a outra semeava, caminhando por toda a cancha do arroz”. Não fugindo a regra, seu Haroldo também teve seu trator financiado pelo banco, assim como o restante do maquinário “não se tinha dinheiro, as dívidas eram grandes e a produção era pouca, o juro do banco era alto mas, pelo menos tinha dinheiro pra ir levando”, comenta o agricultor.

Ao ser questionado em relação aos maquinário seu Darcísio relata que, quando começou a plantar o arroz, tinha um trator usado que havia comprado , quando plantava o arroz sequeiro “comprei o trator, e fui pagando por ano em produtos, porque dinheiro não tinha. se tinha pouco implemento, que era uma grade pequena e um arado , o resto era tudo feito a braço”. Ele também conta que para emparelhar o terreno após gradeá-lo. Ele precisava de um alisador para deixar o terreno sem ondulações e buracos e ele não tinha, então, ele mesmo construiu um com madeira de sua propriedade. Ele ainda complementa que além das dificuldades do pouco conhecimento que se tinha dessa nova técnica, faltavam recursos para lavoura. “O único recurso pra se ter dinheiro era quando se vendia o arroz mas acabava logo porque se colhia muito pouco, então a solução era pedir no banco ,mas o juro era alto , e agente só trabalhava para pagar dívida”. Ele ainda acrescenta que hoje pega dinheiro para financiar a lavoura , mas é pra não vender o arroz quando o preço esta muito baixo. “Hoje o juro é baixo, agente ganha dinheiro tirando financiamento do banco”.

De acordo com o relato dos agricultores o sistema de plantio do arroz pré-germinado é considerado muito vantajoso. Uma dessas vantagens é que no sistema sequeiro dependia das condições climáticas, da chuva para plantar. O sistema pré-germinado dispensa as condições climáticas, permitindo ao agricultor mesmo com chuva ou sol efetuar o plantio.

Os agricultores também comentam da importância dos financiamentos bancários que obtiveram que mesmo tendo taxas oscilantes era um meio de se ter recursos para investir na lavoura. Com as linhas de crédito obtidas adquiriram tratores, pulverizadores, colheitadeiras, silos para a armazenagem do arroz e custeio destinados para deixar o terreno preparado para o plantio.

Do conceito legal, evidencia-se que crédito rural é a destinação de recursos financeiros, quer sejam eles da União, por intermédio de seus vários órgãos quer das instituições bancárias particulares concessionárias desse serviço público, com finalidade específica de desenvolvimento da produção rural. (BARROS, 2000, p.67)

Questionado em relação as mudanças que a cultura de arroz irrigado proporcionou para a sua vida, seu Arnaldo abre um sorriso, “nossa! Mudou da água pro vinho , antes nessa mesma quantia de terra de 55 hectares , eu trabalhava pra comer , e depois que comecei a plantar o arroz pré-germinado comecei a produzir

muito mais, a vida mudou pra melhor”. Percebe-se a satisfação do mesmo que complementa: “como comecei a colher mais, pude pagar as contas, comecei a investir em máquinas novas, por que eu via que ia ter mais produção, e tive”.

Para seu Arnaldo, o pró-várzea proporcionou uma mudança positiva em sua vida econômica, “hoje tudo o que consegui comprar, foi graças ao arroz irrigado, porque quando plantava o sequeiro, só tinha a terra que era quase tudo capoeira a casinha velha, o trator usado e uns implemento que não valia nada”. Em pouco mais de duas décadas, seu Arnaldo teve uma melhora significativa nos seus instrumentos de trabalho que se modernizaram.

Ele enfatiza dizendo que com o aumento da produção os agricultores começaram a se associar a cooperativa para depositarem sua produção, dizendo que esta veio facilitar a vida dos pequenos produtores da região. Para ele COOPERJA além de garantir o armazenamento dos grãos, garante preço justo na comercialização. “A cooperativa é como nossa mãe. Seu Arnaldo possui hoje 2 tratores tracionados novos, uma colheitadeira nova um caminhão semi-novo para levar a produção até a cooperativa na época da colheita, um galpão semi-novo de alvenaria e implementos de qualidade que facilitam desde preparo do solo até o plantio, dispensando empregados. Empregando somente a mão-de-obra dele e seu filho. Ele complementa dizendo que as melhorias também se deram em todo âmbito familiar, “Essa casa, também é resultado de que consegui na lavoura do arroz” fala ele, de uma casa de alvenaria bem moderna com móveis e eletrodomésticos que dão maior conforto a família. Além de um carro novo que o mesmo adquiriu a dois anos, quando o preço do arroz estava em alta. Sua família tem um padrão de vida bastante estável.

Ao ser questionado sobre as mudanças que o arroz irrigado proporcionou para sua vida, seu José diz que em termos econômicos, está satisfeito por sua conquista de chegar a 74 anos trabalhando na agricultura com uma boa qualidade de vida proporcionada pela cultura do arroz irrigado. “Não tem nem comparação, se não fosse o pró-várzea como a gente ia viver com tão pouca terra que quase não produzia?” Seu José ressalta a importância que o arroz irrigado teve para a vida de sua família, “temos tudo o que precisamos para viver bem”, ele comenta também sobre a confortável casa de alvenaria, com móveis e eletrodomésticos modernos, além dos carros e a casa na praia onde passam a temporada de verão. “Hoje tenho uma vida tranquila, espero que continue assim, até o fim dos meus dias”. Ele

ressalta a importância do papel da COOPERJA durante todos esses anos. Para ele foi uma parceria perfeita “a mudança do sequeiro pra irrigado fez produzir muito mais e a cooperativa mesmo com tantos problemas que tinha, sempre foi parceira dos colonos agente cresceu junto com a COOPERJA.”

Para seu Haroldo as mudanças que o arroz irrigado proporcionou para sua vida, “foi a melhor coisa que já aconteceu pra nós produtores de arroz, por que antes a gente trabalhava muito mais, e quase não sobrava nada, as vezes nem pra comer. Vendia a produção pro engenho que pagava o quanto queria, pagava as contas e no final pra passa o ano tinha que pedir dinheiro emprestado pra comer.”. Seu Haroldo também descreve as dificuldades que a família passava, “era tudo muito difícil, não se tinha muita coisa, na verdade só não faltava a comida porque se criava e plantava de tudo, mas não se tinha conforto nenhum porque não dava, não se tinha dinheiro”. Ele também relatou sobre a importância da COOPERJA nessa parceria durante esses anos “a cooperativa trouxe agrônomos pra explicar como se preparava o terreno e como se fazia pra germinar as sementes, e na colheita o arroz era depositado na cooperativa.” Ele ainda relata “a cooperativa nos livrou dos atravessadores, dos engenhos que pagavam o que queriam pelo nosso arroz. Ela é uma reguladora de mercado, e sem ela nossa vida não teria melhorado tanto, ela sempre foi nossa parceira”.

Ele continua seu depoimento resultando a importância do pró-várzea “Minha nossa! Se não mudasse o jeito de plantar não sei o que era de nós, porque tudo o que tenho hoje porque passei a plantar arroz pré - germinado”. Em seu depoimento ele enfatiza que o sistema de arroz irrigado é o responsável pelo desenvolvimento econômico dos agricultores dessa comunidade. Esse agricultor complementa que “desde então, melhorei meu maquinário, construí a casa, comprei carro zero e até um caminhão seminovo para transportar o arroz até a cooperativa, porque não quis botar silo”, conta Haroldo, que orgulhoso ainda fala que esta pagando faculdade do filho.

Questionado sobre as mudanças que o arroz irrigado proporcionou para sua vida em termos econômicos, Sr. Darcísio Damiani diz: “Olha, não posso nem lembrar o que já passei na época que plantava o arroz sequeiro, porque não dava nada o que a gente colhia, mas graças a Deus com o pró-várzea a nossa vida mudou pra melhor”. Ele salienta que hoje ainda é difícil mais ainda é muito melhor do que antes “a gente parecia escravo da terra e não dono dela, porque não se via

dinheiro quase nunca e quando via era pra pagar dívida”. Para ele, hoje a vida está muito melhor, pois conseguiu adquirir um maquinário bom, que facilita o trabalho, conseguiu até comprar um terreno de arroz, uma casa na praia e uma camionete nova “não posso me queixar, não to rico, mas vivo bem com minha família, só não botei silo porque mando tudo pra cooperativa de Jacinto Machado”. Na concepção de seu Darcisio toda a inovação na agricultura, tanto no sistema de plantio, como a modernidade das máquinas é fruto de muito trabalho e coragem de mudar. O Programa Nacional de Aproveitamento Racional de Várzeas Irrigáveis, o pró-várzea, trouxe mudanças para esses agricultores e os demais agricultores do município de Jacinto Machado. É unânime a opinião de que antes deste manejo a vida era bem mais difícil este programa mudou a história desse município que tem hoje o arroz como única fonte de recurso econômico. Também foram unânimes em seus relatos quando questionados sobre o papel que a COOPERJA representa em suas vidas. Para esses agricultores a cooperativa representa um divisor de águas, assim como foi o advento do pró-várzea. Porém é importante salientar que muitas são as dificuldades ainda enfrentadas pelos agricultores como a variação do preço do arroz no mercado financeiro, onde atualmente permanece em baixa, ocasionado pela demanda do produto. É necessário que haja uma política de preços onde o preço mínimo seja justo, garantindo ao produtor sua margem de despesa e lucro.

Com o passar dos anos, houve um desenvolvimento considerável no município de Jacinto Machado, tanto no espaço urbano que melhorou sua infraestrutura motivando a ampliação do comércio e o aumento de pequenas indústrias atraindo assim mais moradores quanto no espaço rural. Houve também uma melhora significativa na qualidade de vida dos agricultores do município de Jacinto Machado que puderam construir habitações em sua maioria de alvenaria, não dispensando conforto e modernidade para o recinto de seus lares. Com um aumento considerável na produção e a facilidade de crédito com juros mais acessíveis renovarem seus maquinários que a cada ano tornam-se mais modernos, dispensando cada vez mais mão-de-obra humana, facilitando assim o trabalho fazendo mais em menos tempo. A maioria dos agricultores ampliou suas propriedades e a cada ano procuram estar informados sobre produtos e técnicas que podem colaborar para uma melhor produção. A COOPERJA promove encontros com os agricultores, repassa informações, além de prestar assistência técnica aos

associados e receber a produção do arroz e comercializa garantindo um preço de mercado.

Alguns agricultores possuem silos próprios para estocarem sua produção, mas a maioria destes vê na cooperativa um meio mais seguro para guardarem e comercializarem sua produção.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse presente estudo buscou-se investigar sobre a COOPERJA como fator de desenvolvimento social e econômico no município de Jacinto Machado. A princípio abordou-se o cooperativismo pelo mundo, onde se pode constatar que já nas primeiras comunidades primitivas o homem percebeu que para garantir sua sobrevivência precisava viver em grupo, onde cada um fazia a sua parte.

De acordo com a abordagem de alguns teóricos, o homem sempre valorizou a convivência em grupos, ou seja, ele sempre teve a necessidade de viver em comunidade. Analisando o contexto mundial percebeu-se que nos primórdios, cada sociedade, tinha sua maneira de se organizar, porém todos tinham objetivos em comum que interferiam na vida de todos. Desde que estas sociedades evoluíram acabaram se estruturando em moldes cada vez mais individualistas e adversos, porém alguns grupos perceberam que para enfrentarem problemas em comum deveriam buscar formas de se organizarem. Temos como exemplo disso a criação da primeira cooperativa de Rochdale quando um grupo de trabalhadores buscando

resolver problemas de ordem comum decidiu criar uma cooperativa, sendo esta uma organização social, baseada em princípios por eles estabelecidos, que divergiam a cooperativa da empresa privada.

Com a abordagem sobre os primórdios do cooperativismo investigou-se sua disseminação pelo mundo, o que possibilitou entender como ele difundiu-se nos mais diferentes espaços e períodos da história. Desse modo, percebeu-se que independente da região onde surgiram as primeiras formas de cooperativa os anseios foram sempre os mesmos, buscar resultados melhorando assim a vida cotidiana do grupo.

No decorrer deste estudo, observou-se que o cooperativismo propagou-se em várias partes do mundo, porém sempre embasado nos princípios cooperativistas de Rochdale, que propiciaram a criação das cooperativas com divergentes áreas de atuação e finalidades. No caso do Brasil, o cooperativismo se expandiu e integrou-se em vários setores, da economia brasileira, porém de acordo com as informações adquiridas constatou-se que houve uma integração maior no setor agropecuário.

Ao analisar a evolução do cooperativismo no Brasil, percebeu-se que em Santa Catarina este movimento teve bastante êxito, influenciado pelo fato de ter recebido imigrantes europeus que já vivenciavam a cooperação em seus países de origem. Parte desses imigrantes colonizou Jacinto Machado, disseminando as primeiras formas cooperativismo na região.

Pesquisando o contexto histórico do município de Jacinto Machado, pode-se constatar que desde a sua colonização os grupos de imigrantes que aqui se instalaram viviam basicamente da agricultura que era bem diversificada. Com o decorrer dos anos foram adaptando as técnicas de plantio, como é o caso da cultura do arroz. A princípio o plantio do arroz era realizado no solo seco com baixa produção. Mas segundo a EPAGRI, em virtude de novas pesquisas e experiências passou-se a produzir no sistema irrigado, o que proporcionou um aumento expressivo na produção local.

Segundo a pesquisa, com o aumento da produção vieram as dificuldades de armazenamento e comercialização, por isso um grupo de agricultores se reuniu e decidiu fundar uma cooperativa agropecuária para resolverem os problemas que os mesmos tinham em relação ao arroz.

De acordo com os depoimentos dos ex- presidentes, sócios fundadores e demais associados, foram muitas as dificuldades enfrentadas desde a fundação da

cooperativa até os dias de hoje, porém, segundo os mesmos valeu a pena.

Quando questionados sobre o sistema cooperativo e, mais especificamente em relação à COOPERJA, os depoentes são unânimes e dizem que só com a cooperação os agricultores podem resolver problemas, discutindo ideias ajudando-se mutuamente. Para os entrevistados, a COOPERJA é uma parceira, que tem proporcionado a segurança de armazenagem e comercialização, sendo uma reguladora de mercado, não permitindo a intervenção e especulação de atravessadores.

A criação da cooperativa e a mudança do sistema de plantio de arroz sequeiro para arroz irrigado foi um dos fatores que ajudaram a promover o desenvolvimento na região de Jacinto Machado.

Conforme relato dos associados houve a melhora da qualidade de vida não só dos agricultores, mas também da população urbana que sente os reflexos gerados por esse aumento de produção conciliado com a COOPERJA, que é responsável pela geração de empregos diretos e indiretos, e uma geradora de receita para o município de Jacinto Machado e outras áreas onde ela atua.

Neste presente estudo, pode-se perceber que o arroz irrigado foi muito importante para o desenvolvimento econômico do município de Jacinto Machado. Essa cultura proporcionou o aquecimento da economia regional com o aumento de arrecadação de ICMS, para o município sendo uma injeção de capital para o comércio local e regional. Segundo os associados de nada adiantaria o aumento da produção do arroz se não houvesse a cooperativa. A COOPERJA foi e ainda é fundamental para esse crescimento, ela cresceu junto com os associados e o município de Jacinto Machado. A cooperativa venceu inúmeras dificuldades, cresceu, fortaleceu-se e expandiu-se, sem deixar de preocupar-se com os associados e com a comunidade por isso já foi premiada diversas vezes, sendo referência na região.

Este estudo teve como objeto a COOPERJA, que desde a sua criação muito vem contribuindo para o desenvolvimento social e econômico de Jacinto Machado. Espera-se que esta pesquisa contribua com fonte para novos estudos.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, José. **Associativismo e cooperativismo**. Rio de Janeiro: Ed. Interciência 2004.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- ATLAS, **Escolar de Santa Catarina**. Secretaria do Estado de Coordenação Geral e Planejamento. Subsecretaria de Estudos Geográficos e Estatísticos. Rio de Janeiro: Aerofoto Cruzeiro, 1991.
- BARROS, Wellinton Pacheco. **O Contrato de Títulos de Crédito Rural**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.
- CANTON, Neivor. **Revista das cooperativas**. São José: Ed Comidia 2010.
- COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DE JACINTO MACHADO. **Parceiro Cooperja**. Ano I, nº3, 2003.
- COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DE JACINTO MACHADO. **Parceiro Cooperja**. Ano I, nº9, 2003.
- COOPERATIVA AGROPECUÁRIA DE JACINTO MACHADO. **Parceiro Cooperja**.

Ano IV, nº7, 2006.

CRUZ, Paulo Sérgio Alves da. **A filosofia cooperativista e o cooperativismo no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Suma Econômica 2000.

EPAGRI. **Sistema de Produção do Arroz Irrigado em Santa Catarina**. 2 ed. Revisada e Atualizada. Florianópolis, 2005.

FONTANELLA, Pe. Herval. **Jacinto Machado, Capital da Banana**, 4 ed. São Paulo. Atlas, 1995.

GAWLAK, Albino; TURRA, Fabianne Ratzke. **Cooperativismo: filosofia de vida para um mundo melhor**. 3ª edição, Brasil, 2001.

GUANZIROLI, Carlos E, ET AL **Agricultura Familiar e Reforma Agrária no século XXI** – Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

HARTUNG, Alcyr Peters. **OCESC/ITEC: O cooperativismo ao alcance de todos**: 2.ed. Florianópolis: OCB, 1996.

HEINZELMANN, Marta Regina; SOUZA, Sirlei. **Associativismo, uma história de sucesso**. Joinville: Ed. Univille 2009

IBGE, **Levantamento dos recursos naturais**, Rio de Janeiro, 1986.

INCRA - **Divisão de Cooperativismo**, Brasília, DF, 1981.

LEI Nº 5.764, DE 16 DE DEZEMBRO DE 1971.

LOUREIRO, Maria Rita. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**, São Paulo, SP: Ed. Cortez, 1981.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JACINTO MACHADO, **Dados do Município**, Jacinto Machado, 2013.

MACPHERSON, Dr. Ian. **Princípios cooperativos para o século XXI**. Lagoa Editora Ltda, 2003, SESCOOP/SC.

MEDIDA PROVISÓRIA Nº2. 186-16, DE 23 DE AGOSTO DE 2001.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. **SUPLAN – Pesquisa socioeconômica das cooperativas de produção agrícola brasileira**, Brasília 1987.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Cooperativismo Brasileiro, uma História**: Brasília, Comunicação e Marketing, 2004.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **O cooperativismo Catarinense**: 2ed. OCB, Dezembro de 1991.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA – OCESC. **O cooperativismo Catarinense**: 5ed. Florianópolis, Lagoa Editora Ltda 2012.

PORTAL DO COOPERATIVISMO. <http://cooperativismodecredito.coop.br/>, acessado em 23/03/2013 às 15:25.

PERIUS, Vergílio Frederico. **Cooperativismo e lei**. São Leopoldo: Ed Unisinus, 2001.

RECH, Daniel. **Cooperativas: uma alternativa de organização popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RICCIARDI, Luiz. **Cooperativa: a empresa do século XXI**. São Paulo: LTR, 2000.

SHNEIDER, José Odelso. **Democracia – Participação e autonomia cooperativa**. São Leopoldo, UNISINOS, 1991.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia-Agricultura Familiar**. 2 ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2003.

SILVA FILHO, Cícero Virgulino. **Cooperativas de trabalho**. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

SINGER, Paul. **Introdução a economia solidária**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

TEMP, Luiz Hilton. **Cooperativismo: Ideias e tendências**. Gráfica Arcus, 2004, SESCOOP/SC.

VEIGA, Sandra Mayrink; FONSECA, Isaque. **Cooperativismo: uma revolução pacífica em ação**. Rio de Janeiro: DP&A. Fase, 2001.

## APÊNDICES

## ANEXO A LISTA DOS ENTREVISTADOS

### **Ex Presidentes entrevistados:**

1. Ari Possamai Della
2. Desidério Bozzelo
3. Lédio Bozzelo
4. Luiz Pícollo

### **Sócios atuais entrevistados:**

1. Arnaldo Giusti
2. Darcisio Damiani
3. Elisete B. Paganini
4. Haroldo Rodrigues
5. Liege D. Rodrigues
6. Marilda B. Damiani
7. Vanderlei Daniel
8. Vanir Zanatta (Presidente Atual)

### **Sócios fundadores entrevistados:**

1. Anselmo J. da Silva
2. Ascendino Fontana
3. Claudino Paganini
4. Giusepe Bada
5. José Mário Damiani
6. Manoel Savi
7. Otávio Tuon
8. Pedro Gabriel
9. Raul Daniel
10. Remildo Sartor
11. Simão L. Daros

## ANEXO B QUESTIONÁRIO

Nome:.....Idade.....

Sexo: Masculino ( ), Feminino ( )

Você é: Associado ( ), Filho de sócio ( )

1 – Como eram as condições de plantio, manejo, armazenamento e venda do arroz antes da criação da COOPERJA em 1969?

.....  
.....

2 – Quais os benefícios que a criação da COOPERJA trouxe para os agricultores produtores de arroz?

.....  
.....

3 – Como surgiu a ideia para criação de uma cooperativa agrícola?

.....  
.....

4- Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos associados para sustentação da COOPERJA, ao longo de seus 43 anos?

.....  
.....

5- Qual sua opinião em relação ao trabalho desenvolvido pela COOPERJA?

.....  
.....

6-Como a COOPERJA influenciou na melhora de sua qualidade de vida?

.....  
.....